

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
FACULDADE INTEGRADA AVM**

**O PROFESSOR DE PERCEPÇÃO MUSICAL E A
HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Por: Gustavo Ballesteros Pedroza

**Orientador
Prof^a. Edla Trocoli**

**Rio de Janeiro
2011**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
FACULDADE INTEGRADA AVM**

**O PROFESSOR DE PERCEÇÃO MUSICAL E A
HETEROGENEIDADE DOS ALUNOS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Apresentação de monografia à Universidade
Candido Mendes como requisito parcial para
obtenção do grau de especialista em Docência do
Ensino Superior

Por: Gustavo Ballesteros Pedroza

AGRADECIMENTOS

A Deus, sempre, pelo dom da vida, pela instrução nas dificuldades e pela esperança de uma vida eterna em Cristo.

Aos queridos pais, José Renato e Carmen, pelo amor incondicional que eu recebi de vocês ao longo da minha vida.

À minha noiva Bárbara, pela companhia maravilhosa e pelo apoio constante em todos os projetos.

Aos irmãos Maurício, Suzana e Renata, pelo prazer e pelo aprendizado da nossa agradável convivência.

À minha tia e eterna professora Domitila Ballesteros, por se empenhar em me ensinar a fazer aquilo que hoje é o meu trabalho, de que eu tanto gosto: música.

Aos tios, avós, primos, enfim, minha família maior, pelo carinho e pelas inúmeras recordações maravilhosas que tenho de cada um de vocês

Ao querido Djalma Cabral, pela indicação deste curso que agora estou encerrando.

À minha orientadora Edla Trocoli, pela atenção e pelas observações necessárias para que este trabalho fosse concluído.

Por fim, às professoras Aparecida Antonello, Beatriz Licursi, Ermelinda Paz Zanini e Sara Cohen, pela contribuição valiosíssima para a realização deste projeto.

DEDICATÓRIA

A Deus, minha razão de viver.

“Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.” (Bíblia Sagrada – Romanos 11:36)

RESUMO

Este trabalho aborda a questão da heterogeneidade de conhecimento nas turmas de percepção musical, que implica em desafios tanto para o aluno quanto para o professor. Com base na pesquisa de Ototumi (2008), que aponta este fator como o grande dificultador dos professores na condução do processo ensino-aprendizagem em sala de aula, foram entrevistados quatro professoras de percepção da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de responder principalmente as seguintes questões: a heterogeneidade de conhecimento entre os alunos interfere positivamente ou negativamente no aprendizado? Quais recursos foram eficazes para lidar com essa situação? A instituição de ensino superior, por meio de suas medidas vem a favorecer que esse quadro se estabeleça? Quais mudanças, uma vez implantadas, poderiam ser benéficas para o professor e para os alunos?

As entrevistas fornecem um conteúdo muito relevante para qualquer professor universitário da disciplina de Percepção Musical, que sabe da realidade da situação apresentada. A longa experiência e a variedade de recursos apresentados pelas entrevistadas para lidar com essa situação certamente fundamenta a autoridade dos argumentos das mesmas, ao apontarem mais detalhadamente quais são os problemas mais importantes a ser discutidos sobre este tema.

METODOLOGIA

O ponto de partida desta presente monografia foi a constatação da dificuldade que os professores de Percepção Musical têm de lidar com a heterogeneidade de conhecimento nas turmas. Portanto, entendeu-se que a realização de entrevistas com diferentes professores desta disciplina poderia fornecer um material atual, que viesse a esclarecer como os docentes conseguiram fazer um trabalho eficiente de ensino em meio a alunos tão distintos uns dos outros, em relação à formação musical pré-universitária.

Para tanto, foi elaborado um questionário com um total de 8 perguntas sobre a heterogeneidade de conhecimento, abordando três sub-temas: a influência no processo ensino-aprendizagem; os recursos do professor; e a universidade. Quanto ao modelo de entrevista, o modo escolhido foi a entrevista oral, uma vez que os professores teriam mais liberdade para expressar suas opiniões e experiências. A espontaneidade dos professores durante a entrevista foi fundamental para a quantidade e a qualidade das informações colhidas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - Heterogeneidade: desafio dos professores	10
CAPÍTULO II - As Entrevistas	18
CAPÍTULO III – As Perspectivas	35
CONCLUSÃO	43
BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA	46
ANEXOS	49
ÍNDICE	79
FOLHA DE AVALIAÇÃO	81

INTRODUÇÃO

“Desafios que se colocam não só para o professor como para a turma...” Este trecho da entrevista da prof^a. Sara Cohen resume a situação da heterogeneidade de conhecimento nas turmas de Percepção Musical. Principalmente para os professores menos experientes, são necessários muito planejamento, dedicação e disposição em conhecer melhor os seus alunos e suas dificuldades.

Todavia, dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), percebe-se que os professores de percepção superam este e outros problemas, conseguindo atingir um resultado satisfatório apesar das limitações – o que se comprova nas entrevistas transcritas neste trabalho –, graças à experiência adquirida por eles no exercício da docência.

Por isso a abordagem do tema na presente monografia focaliza justamente o ponto de vista do professor, aquele que convive com essa realidade semestre após semestre, ano após ano. Ele, melhor do que ninguém, pode descrever em detalhes como isso acontece na sua prática de aula, as mudanças ocorridas na disciplina ao longo dos anos, e os maiores desafios do processo de ensino-aprendizagem neste contexto. Sendo assim, a sua opinião sobre os recursos disponíveis para resolver ou minimizar situações difíceis em sala de aula – como a heterogeneidade de conhecimento – é muito relevante para os novos professores. Estes, a partir da experiência dos outros docentes, poderão utilizar tais ferramentas visando a otimizar o ensino-aprendizagem nas suas aulas de Percepção Musical.

Ao longo da monografia, pode-se notar que a palavra “problema” não é a que melhor define o que esse tipo de heterogeneidade representa; tampouco a palavra “dificuldade”. É claro que, de certa maneira, há problemas e dificuldades resultantes desta situação – um deles, conforme será explicado mais adiante, é a necessidade de o professor começar a matéria de um assunto que o aluno já deveria ter estudado antes de ingressar na universidade. Na verdade, esse quadro representa um grande “desafio” para o docente, conforme as palavras da prof^a. Sara e também das outras docentes.

As entrevistas comprovam que, se por um lado isso dificultou a atividade do professor, já que a sua didática deveria contemplar tanto a aprendizagem dos alunos mais atrasados e a dos alunos mais adiantados, por outro lado esta vivência propiciou a cada entrevistada a oportunidade de criar e experimentar diferentes recursos, dentre os quais alguns são utilizados por elas até hoje, devido à eficácia dos mesmos.

Espera-se, portanto, que este trabalho venha a ser útil aos atuais e futuros professores de Percepção, de maneira que estes entendam que o sucesso ou fracasso da turma heterogênea (em termos de conhecimento) na disciplina envolve muito mais a atitude da turma e do professor do que os demais fatores – que também não deixam de ter a sua relevância.

Uma observação adicional: para efeito de diferenciação, considera-se Percepção Musical, com iniciais maiúsculas, a disciplina de ensino superior; e percepção musical, com iniciais minúsculas, os processos psíquicos a que a primeira se refere, conforme o critério de Barbosa (2009).

CAPÍTULO I

HETEROGENEIDADE: DESAFIO DOS PROFESSORES

1.1. A realidade da Percepção Musical

De todas as disciplinas que compõem um curso superior de música, sabe-se que esta é uma disciplina essencial para a formação de um músico – prova disso é que, em 86,5% das instituições de ensino superior que oferecem um ou mais cursos de música, a Percepção Musical é obrigatória (OTOTUMI, 2008, p.163).

A Percepção é de fato importante porque trabalha, entre outras coisas, a relação entre a notação e o som musical. O ditado melódico e o solfejo são duas ferramentas utilizadas nas aulas de percepção que comprovam a afirmação anterior. No ditado, por exemplo, o aluno deve transcrever em partitura o trecho tocado pelo professor, seja através de uma gravação ou da execução em algum instrumento; por outro lado, o solfejo trabalha o caminho inverso: o aluno deve ser capaz de interpretar a notação musical dada, executando a música através do canto, reproduzindo corretamente o que indica a partitura. Sendo assim, pode-se dizer que as duas ferramentas são complementares no estudo perceptivo, já que o ditado trabalha a transformação do som em grafia, e o solfejo, a transformação da grafia em som. Comparando a música à linguagem verbal, eles correspondem à escrita e à leitura, respectivamente.

Portanto, não seria nenhum absurdo dizer que o estudo da Percepção Musical, considerando especificamente o treinamento auditivo através de ditados e solfejos, corresponde ao processo de alfabetização. É através desta disciplina que o aluno aprende a interagir com a música diretamente, lidando tanto com a notação quanto com a execução sem depender de outros instrumentos que não seja ele mesmo. Aliás, o objetivo da disciplina não se limita a ensinar o aluno a reconhecer e reproduzir sons e signos, mas sim torná-lo um sujeito autônomo, ativo e reflexivo, que

compreenda a música que ele ouve e faz. Assim também pensa Virgínia Ferreira, conforme escreve em sua dissertação de mestrado sobre este tema:

Mais do que um trabalho que promova o aluno a estar apto a ouvir, reconhecer, ler ou reproduzir qualquer coisa, a Percepção Musical estaria aqui a serviço da formação de um ouvido musical aberto e atento. Acredita-se que esse seja um caminho para a formação de um ouvido relativo, visto aqui como um instrumento flexível, pronto a interagir com as mais diversas manifestações musicais, capaz de perceber não só as estruturas e suas relações, mas, por causa, através e além delas, apreender a linguagem, permitindo então, como já foi dito, a compreensão das músicas. (FERREIRA, 2000, p.201)

No entanto, apesar da relevância que a Percepção Musical tem na formação musical, também é fato que ela está entre as disciplinas consideradas pelos estudantes em geral como as de maior dificuldade. Mesmo entre os atuais professores há muitos que enfrentaram problemas quando ainda eram alunos, conforme relata Virgínia Ferreira, sobre as entrevistas com professores:

Quase todos os entrevistados disseram ter experimentado, em alguma fase de sua formação (e aqui, especificamente nas aulas de Percepção), sentimentos como os de medo, ansiedade, insegurança, inibição, impotência, preguiça e enfado. (FERREIRA, 2000, p.69)

Há muitos fatores que contribuem para que isso aconteça, como por exemplo a formação deficiente dos alunos antes de ingressarem na universidade – apontado por 60% dos professores de ensino superior desta disciplina entrevistados na pesquisa de Cristiane Ototumi (2008, p.180). Dentre os fatores apontados pela pesquisa citada, a heterogeneidade do conhecimento dos alunos é apontada por 71,7% dos docentes como a maior dificuldade que estes encontram nas suas aulas; quanto a essa questão, há um grande consenso entre os professores mais e menos experientes, indicando que esta situação não é uma realidade nova, mas já acontece há muito tempo (OTOTUMI, 2008, p.186-187).

Sobre os estudos realizados a respeito da disciplina em questão, nota-se que o foco predominante está na análise dos conteúdos dados em

sala, e de como esses conteúdos são ministrados. A pesquisa de Maria Flávia Barbosa, por exemplo, visa a contribuir na orientação de uma “proposta metodológica alternativa para a Percepção Musical” (BARBOSA, 2009, p.9), enquanto Cristina Bhering, também enfocando a metodologia da disciplina, sugere que “o repertório utilizado no treinamento auditivo esteja presente no universo do aluno, para que o 'estilo' ao qual esse repertório pertence, num primeiro momento, seja vivenciado por ele” (PANARO, 2010, p.367).

Uma boa síntese das produções acadêmicas com esse enfoque está no artigo de Pablo Panaro, em que ele discute os pontos principais de cada uma, especialmente as críticas e novas propostas metodológicas para este campo (*ibid.*, p.360-369).

1.2. A heterogeneidade

1.2.1. As questões centrais

Todavia, este trabalho não pretende sugerir uma nova metodologia para o ensino da Percepção Musical, mas sim averiguar a fundo o fator da heterogeneidade de conhecimento dos alunos, considerado pela maior parte dos professores como a principal dificuldade encontrada em suas atividades como docentes, conforme já foi dito (OTOTUMI, 2008, p.182). Será este um fator exclusivamente dificultador do processo ensino-aprendizagem nesse contexto? Até que ponto a heterogeneidade pode ser explorada pelos docentes de modo a beneficiar esse processo? Se este é um problema a ser eliminado, quais medidas poderiam ser tomadas pelas instituições de ensino superior para que isso não aconteça?

Com base nessas três perguntas centrais, um questionário foi criado com o intuito de registrar e discutir os relatos de quatro diferentes professores – com experiência mínima de cinco anos na docência desta disciplina – sobre as suas opiniões e os seus comportamentos diante da variedade de conhecimento musical de seus alunos. É provável que tais relatos possam vir a

contribuir com a formação de novas metodologias em projetos futuros, mas este não é o foco principal do presente trabalho.

A hipótese sugerida neste trabalho é que a heterogeneidade dos alunos é de fato determinante para que alguns alunos enfrentem muitas dificuldades no aprendizado e outros aprendam com muita facilidade. Mas, por outro lado, ela também pode trazer benefícios aos alunos e ao professor. Por isso, não se deve pensar em como acabar com a heterogeneidade, mas sim em como lidar com essa situação (considerando tanto o professor quanto a universidade) para se extrair resultados positivos a partir disso.

1.2.2. O questionário

Com o objetivo de auxiliar a elaboração e a organização desse instrumento de pesquisa, tomou-se como base o artigo “O Questionário na Pesquisa Científica”, de Anivaldo Chagas, cujo objetivo é justamente “reunir as recomendações de diversos autores a respeito da construção de questionários”, procurando “discutir a construção de um questionário, apresentando uma sugestão de tarefas e cuidados a serem tomados, dentro de uma seqüência lógica, objetivando que esse instrumento de coleta de dados tenha eficácia para a finalidade a que se destina”. (CHAGAS, 2000)

Quanto ao tipo de questão, mostrou-se mais adequada a utilização de questões abertas, uma vez que “estimulam a cooperação” dos entrevistados, o que é essencial para se apreender as experiências, estratégias e opiniões dos professores; além disso, as questões abertas “têm menor poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas” (MATTAR, 1994. *apud*. CHAGAS, 2000, p.6-7).

A única exceção é a segunda pergunta do questionário: optou-se por elaborar uma questão fechada, de múltipla escolha, com cinco opções de avaliação da situação-problema, graduadas de “fator exclusivamente positivo” a “fator exclusivamente negativo”, com o intuito de obter respostas sucintas e específicas dos entrevistados sobre o objetivo principal deste trabalho. Sendo assim, a informação da questão fechada será complementada pelas demais

informações obtidas no questionário. Ainda segundo Mattar (1994), as perguntas abertas “proporcionam comentários, explicações e esclarecimentos significativos para se interpretar e analisar as perguntas com respostas fechadas”. (*apud.* CHAGAS, 2000, p.7).

O questionário foi aplicado na forma de entrevista pessoal, gravada e transcrita, porque o formato de questionário auto-preenchido é menos dinâmico – considerando que a maior parte das perguntas são abertas, visando a permitir que o entrevistado aprofunde a sua discussão quando houver necessidade. Com a entrevista, os professores podem expressar suas ideias através da fala, de forma mais natural e fluente, além de ser menos dispendiosa em termos de tempo do que a resposta escrita. (MATTAR, 1994. *apud.* CHAGAS, 2000, p.7).

A princípio, optou-se pelo anonimato dos entrevistados. Como o questionário aborda, entre outros assuntos, as normas das instituições de ensino superior quanto ao vestibular e à organização das disciplinas nos cursos de graduação, essa opção foi tomada a fim de evitar qualquer possível constrangimento, proporcionando ao respondente “uma situação de liberdade, em que a pessoa seja estimulada a apresentar francamente suas opiniões”. (MATTAR, 1994. *apud.* CHAGAS, 2000, p.11). Porém, devido ao fato de as quatro professoras pertencerem à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, principalmente, devido à grande quantidade de experiências relatadas nas entrevistas, seria muito fácil identificar as entrevistadas através dos dados contidos na pesquisa, de forma que o anonimato, na prática, não resultaria em efeito algum.

A primeira parte, composta de três perguntas, trata do objetivo central desta pesquisa: averiguar a opinião dos professores sobre a influência positiva ou negativa da heterogeneidade no processo ensino-aprendizagem. A primeira delas introduz o tema em questão, e pede que o entrevistado discorra sobre a sua experiência. Através desta pergunta mais abrangente, pretende-se que o respondente se expresse de forma livre sobre a sua vivência em relação ao assunto, não sendo influenciado por pormenores relacionados ao tema. Questões desse tipo “deixam o respondente mais à vontade para a entrevista a ser feita” (MATTAR, 1994. *apud.* CHAGAS, 2000, p.6).

Em contrapartida, a segunda pergunta trata o assunto de forma mais objetiva, conforme dito anteriormente. Ela consta de cinco alternativas para que o entrevistado identifique qual delas define melhor a sua opinião sobre a influência da heterogeneidade no processo de ensino-aprendizagem. Enquanto isso, a terceira pergunta pede ao entrevistador que justifique a resposta anterior, podendo utilizar argumentos próprios que venham a embasar a sua opinião.

A segunda parte é composta de duas questões que abordam os recursos utilizados pelos professores diante dessa realidade, e a eficácia deles em sala de aula, quanto à aprendizagem. Nesse momento, o interesse não é avaliar qualitativamente a situação-problema, mas sim investigar como os professores vêm lidando com ela ao longo dos anos, de maneira a possibilitar o melhor desempenho dos seus alunos.

A terceira parte é destinada a discutir se a Instituição de Ensino Superior (no caso, a UFRJ) pode tomar medidas que venham a reduzir a heterogeneidade, caso esta seja entendida como prejudicial ao ensino. A última pergunta, que compõe a quarta parte, é opcional; ela abre aos participantes a oportunidade de fazer comentários adicionais que julgarem necessários sobre o tema.

Sendo assim, este modelo permite que os professores se expressem a respeito do processo de aprendizagem dos alunos, das iniciativas criadas pelos docentes, e das regras vigentes para a disciplina na instituição de ensino superior a que pertencem, o que traduz uma abordagem completa sobre o tema. O questionário na íntegra está disponível no Anexo I desta monografia.

1.2.3. Os entrevistados

Todas as quatro professoras entrevistadas trabalham no ensino da Percepção Musical na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo larga experiência na docência desta disciplina.

A prof^a. Aparecida Antonello, além de professora de Percepção Musical da Escola de Música da UFRJ, é mestre em Ciência da Arte pela UFF. (ZANINI, 2011). Conforme consta em seu depoimento, possui grande experiência na docência do ensino fundamental e médio, cuja prática a auxilia em seu trabalho no ensino superior.

Beatriz Licursi é mestre em música pela UFRJ, onde atua como docente na área de percepção musical. Recebeu vários prêmios em concursos nacionais de piano. Atuou como pianista e camerista em salas de concerto do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras. Foi professora nas universidades Estácio de Sá e Gama Filho. Atuou como pianista em gravações da TV Globo e da Rede Record, e no teatro. Paralelamente, atuou em programas da Rádio MEC e da TVE e como palestrante convidada em eventos diversos da área de música. Participou de gravações de discos da série “Futuros Mestres em Música”, por ocasião do curso de mestrado. Posteriormente recebeu o patrocínio da UFRJ para a gravação do LP intitulado “Odeon”, com obras exclusivas de Ernesto Nazareth, publicado por essa mesma instituição.

A prof^a. Ermelinda Paz Zanini disponibiliza em seu site¹ um resumo de seu currículo, cujo primeiro parágrafo encontra-se transcrito abaixo:

Professora Titular de Percepção Musical da UFRJ e Professora Adjunto IV de Percepção Musical da Uni-Rio. Livre-Docente em Percepção Musical pela Uni-Rio. Membro Titular da Academia Nacional de Música. Ocupou por concurso a vaga de Professor de Educação Artística - Música - do Município do Rio de Janeiro, sendo lotada na Escola Guatemala, primeiro Centro Experimental do INEP no Rio de Janeiro. Professora convidada de Percepção Musical em Encontros, Congressos, Seminários e Cursos de Férias. Realizou diversos cursos de pós-graduação na Uni-Rio, na UFRJ e na Universidade Nacional de Rosário (Argentina), como bolsista da OEA. (ZANINI, 2011)

Diversos livros foram escritos pela prof^a. Ermelinda ao longo de sua carreira, sendo que alguns deles dedicados à educação musical, como “Um Estudo sobre as Correntes Pedagógico-Musicais Brasileiras” e “Pedagogia Musical Brasileira no Século XX – Metodologias e Tendências”.

1 Disponível em: <<http://www.ermelinda-a-paz.mus.br/>>. Visitado em 16 de abril de 2011.

A prof^a. Dr^a. Sara Cohen é mestre em Música pela UFRJ, e concluiu seu doutorado em Música em 2007, com a tese “Polirritmos nos estudos para piano (primeiro caderno) de György Ligeti – a polirritmia, aliás, é um dos conteúdos a ser trabalhado em turmas mais avançadas de Percepção Musical. (movimento.com, 2002). Detentora da Medalha de Ouro da Escola de Música da UFRJ, Sara venceu diversos concursos nacionais de piano, também recebendo prêmios de melhor intérprete de compositores brasileiros como Lorenzo Fernandes e Guerra-Peixe. Já participou de gravações para a TVE e a Rádio MEC, e é professora da UFRJ desde 1992.

CAPÍTULO II

AS ENTREVISTAS

2.1. Considerações gerais

O resultado da pesquisa foi muito satisfatório porque, além de fornecer informações relevantes para responder as questões propostas, ainda permitiu que se entendesse mais a fundo a realidade da situação em discussão dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Os professores ainda sugeriram algumas razões para que a heterogeneidade de conhecimento aumentasse nos últimos anos, e também fizeram outros comentários adicionais sobre a Percepção Musical, que serão expostos ao final deste capítulo.

Durante a resposta às perguntas do questionário, as professoras entrevistadas se estenderam ao discorrer sobre os temas em questão, abordando e relacionando diferentes assuntos mesmo em perguntas específicas. Isso indica que a primeira questão, sendo aberta, conforme as proposições de Mattar (1994), de fato permitiu que os professores se sentissem à vontade para discorrer livremente a respeito do tema ao longo de toda a entrevista.

Observa-se ainda que o detalhamento do quadro e os motivos sugeridos pelos professores para que tal situação se estabelecesse ajuda no entendimento de todas as outras respostas dadas pelos professores. É justamente por isso que estes serão os primeiros assuntos a serem abordados.

2.2. A heterogeneidade em detalhes

2.2.1. As turmas de Percepção hoje na UFRJ

Uma característica da realidade das turmas de Percepção Musical da UFRJ é a grande quantidade de alunos por turma – três das quatro

professoras entrevistadas citaram este fato espontaneamente na pesquisa, sem a existência de uma pergunta específica quanto a isso. “O número de vagas para ingresso vem aumentando e o número de professores de Percepção vem diminuindo” (profª. Aparecida). Essa situação, para o professor, dificulta o reconhecimento das dificuldades específicas de cada aluno, segundo a professora Sara Cohen. As professoras Ermelinda e Aparecida sugerem uma proporção satisfatória aproximada de 10 e 15 alunos por turma, respectivamente, para que se possa oferecer um trabalho mais produtivo.

Ainda é possível perceber que, em relação ao passado, os alunos em geral entram na graduação com menos “conhecimento musical, no sentido mais amplo que essa palavra possa ter” (profª. Sara) – fato também corroborado pelas declarações da profª. Ermelinda. Esta, por sua vez, citou algumas respostas de alunos da sua turma atual de Percepção III sobre o estudo musical dos mesmos antes do vestibular – os contrastes são significativos:

(...) Tinha um que estava prestes a realizar a defesa de dissertação dele no mestrado aqui na Escola (...) outra que era doutora em física, era membro da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, e que tinha feito um estudo bastante profundo de música na Inglaterra (...) outros dois que eram professores da FAETEC, uma escola bastante conceituada (...) pessoas com uma formação de um curso técnico completo (...) e outros que falaram: “professora, eu aprendi música comprando aquelas revistinhas no jornaleiro com cifra”, ou: “eu estudei sozinho”, “ah, um colega me ajudou”, ou: “eu estudei dois anos e passei”, “eu comecei a estudar na igreja, mas nada com muita profundidade. (profª. Ermelinda, Anexo 4)

Diante de uma situação como essa, surgem desafios para o professor e para a turma. Nas palavras da profª. Beatriz, o professor deve “atender a todas as indagações para que o aluno se sinta confortável e competente” – o que não é tarefa fácil devido à tamanha diversidade de vivência musical dos alunos antes de ingressarem na graduação. Enquanto isso, a profª. Sara afirma que a turma, como tal, precisa encontrar uma maneira de conviver com essas diferenças: os mais atrasados precisam

avançar rapidamente, e os alunos mais adiantados esperam um pouco até chegar mais adiante.

2.2.2. As causas

Para efeito de observação: assim como no item anterior, não há uma pergunta específica no questionário pedindo ao entrevistado que enumere as possíveis causas para o assunto estudado. Todas as declarações sobre este tópico foram espontâneas da parte dos professores.

Analisando as entrevistas, entende-se que todos os motivos sugeridos pode ser resumidos em um motivo principal: a falta de orientação antes da universidade. A prof^a. Sara Cohen, ao discorrer sobre este assunto, acredita que a música deixou de ser a principal atividade extra-curricular das crianças e adolescentes, como era antigamente, enquanto atividades como natação e inglês têm sido mais procuradas. Ao afirmar isso, ela ressalta que seu comentário é baseado na sua experiência como professora, e não em pesquisas sobre o assunto. O fato é que tanto a prof^a. Beatriz e a prof^a. Ermelinda também concordam em relação a este ponto, a saber: a heterogeneidade nas turmas está bastante relacionada à falta de orientação musical adequada dos alunos antes de ingressarem nos cursos de graduação.

Outras observações importantes mencionadas pela prof^a. Sara (também fruto de sua experiência como professora), relacionadas a essa discussão, são as seguintes:

- a maior heterogeneidade na Percepção Musical vem a ser um reflexo da sociedade atual, uma vez o ensino de música antes da universidade também é mais heterogêneo do que antigamente, assim como a própria sociedade em si;
- a ausência de música nas escolas regulares está diretamente ligada à falta de orientação pré-universitária, de maneira geral, assim como a diminuição do poder aquisitivo – no caso de alguns alunos, “os pais já não podiam mais pagar uma aula particular de instrumento” (prof^a. Sara).

Além disso, a prof^a. Aparecida ainda sugere mais dois motivos que podem ter contribuído para a heterogeneidade de conhecimento nas turmas: a participação cada vez menor dos professores de percepção na correção das provas; e a recente unificação dos bacharelados e licenciandos nas turmas de Percepção.

Sobre este último, Aparecida faz uma explicação mais detalhada: até o início dos anos 90, os licenciandos cursavam uma matéria oferecida especificamente para eles, similar à Percepção Musical, intitulada “Estruturação Rítmico-melódica”, que durava apenas um período; o THE, na parte de performance, era mais exigente para os bacharelados do que para os licenciandos. Quando a unificação das turmas aconteceu, o THE não foi modificado nesse sentido: as provas de performance para o bacharelado até hoje são mais exigentes que as provas para a licenciatura (o que de certa forma é coerente – considerando que o curso de licenciatura enfoca a capacidade de lecionar, enquanto o bacharelado, o estudo do instrumento, de composição ou de regência). Pressupõe-se, portanto, que a unificação tenha aumentado a heterogeneidade de conhecimento dentro das turmas.

2.3. A influência no processo de ensino-aprendizagem

2.3.1. Os pontos positivos

Para os alunos que entraram na universidade sem antes ter uma preparação adequada, o ponto mais positivo da heterogeneidade de conhecimento é que, dependendo da iniciativa dos mesmos, eles podem conseguir um rápido progresso na disciplina – mencionaram este fator as professoras Beatriz, Ermelinda e Sara. Segundo elas, caso o professor saiba administrar essa situação, o aluno mais atrasado pode chegar a uma compreensão equivalente à dos alunos mais adiantados, desde que mostre dedicação, realizando exercícios e estudando regularmente. A experiência relatada pela prof^a. Ermelinda ilustra muito bem essa afirmação:

(...) Eu peguei uma turma com vários alunos brilhantes (...) gente muito boa, gente que já tinha uma vida musical. E tinha uma aluna que veio de um conservatório no interior de Minas. (...) Os colegas procuravam ajudá-la. (...) Às vezes na minha aula ela chegava a suar, ela suava de tanto esforço que ela fazia para acompanhar... (...) ela era uma no meio de vários bons. Ela terminou o primeiro período com uma nota tipo cinco, cinco e meio. No segundo período ela já tirou uma nota tipo sete, porque ela tomou aquilo como um desafio – ela era uma pessoa séria. (...) No terceiro, ela já tirou nove; no quarto, ela já tirou dez... e ela discutia em condição de igualdade com qualquer um desses que eram feras. E esses que eram feras, por outro lado, se acomodaram... (profª. Ermelinda, Anexo 4)

Outro ponto positivo, principalmente para os alunos mais adiantados, ainda mais para os licenciandos: a heterogeneidade permite que estes tenham um aprendizado empírico da didática – seja através da observação da aula do professor, ou através das formas e ritmos diferentes em que os colegas de turma assimilam o conteúdo ensinado. Sara relata que:

(...) o licenciando tem que estar atento às formas como as pessoas se relacionam com o ensino-aprendizagem. Se ele vai ser um professor, ele vai passar por essa situação futuramente em uma sala de aula, havendo heterogeneidade ou não. Ele vai aprender com cada uma daquelas pessoas que aprendem com ritmos diferentes, de formas diferentes, exatamente de uma forma muito empírica, o que os pedagogos vão abordar nas suas premissas, nos seus pensamentos enquanto educadores. (profª. Sara, anexo 5)

A profª. Ermelinda também aborda em suas aulas a questão didática, porque é uma forma de desenvolver a percepção dos alunos menos experientes e, ao mesmo tempo, permitir que os alunos mais bem preparados entendam de que maneira a prática de ensino deve ser trabalhada pelo professor. Por vezes, ela cita durante as aulas como diferentes autores de livros relacionados à percepção abordam determinados assuntos: “olha, a Ester fazia assim, assado. Já o Bohumil faz assim...”. Dessa forma, ainda segundo ela, “aquele que já sabe muito (...) não se sente vilipendiado”.

Do ponto de vista social, a heterogeneidade de conhecimento, sendo bem trabalhada dentro de sala de aula, pode levar ao melhoramento das relações interpessoais, permitindo aos alunos conhecer muitas formas de entender melhor os seus colegas, conforme diz a profª. Sara. É importante

observar que este ponto vale inclusive para os demais tipos de heterogeneidade que possam existir em sala de aula.

Por fim, falando especificamente sobre o professor, o ponto positivo destacado pela prof^a. Sara é a oportunidade de criar e propor atividades que tirem proveito de todos os pontos positivos que essa situação pode gerar. O progresso da turma depende muito de como o professor conduzirá o processo de ensino-aprendizagem. Ao analisar os recursos mencionados pelas professoras durante a entrevista (assunto que será abordado posteriormente), pode-se constatar que as diferentes experiências e metodologias citadas refletem como as entrevistadas aprimoraram a sua didática ao longo dos anos, de maneira que pudessem realizar um trabalho muito eficiente diante de turmas tão heterogêneas.

2.3.2. Os pontos negativos

Confirmando a constatação feita por Ototumi sobre a dificuldade do docente de Percepção Musical em lidar com a heterogeneidade de conhecimento (2008, p.182), três dos quatro pontos negativos explicitados pelas entrevistada neste trabalho envolvem diretamente o trabalho do professor.

O primeiro ponto negativo é que o professor precisa começar de um nível inferior para que toda a turma possa acompanhar o que está sendo ensinado. As entrevistadas concordam unanimemente nesse ponto. Todavia, isso não significa que o ritmo de aprendizado da turma heterogênea é menor. Prova disso é que as professoras trabalham em um ritmo intenso com os alunos nas suas aulas, forçando naturalmente o aluno mais atrasado a se dedicar mais ao estudo da disciplina. A questão aqui é que os docentes precisam regredir quanto ao ponto de partida do conteúdo da disciplina, para que todos tenham a oportunidade de aprender.

A dificuldade que o professor tem de acompanhar apropriadamente alunos acima e abaixo da média é outro ponto negativo, destacado explicitamente pela prof^a. Aparecida. A prof^a. Ermelinda, por exemplo, apesar da rica experiência como educadora na área de percepção, relata como se

sentiu após descobrir a tamanha discrepância de vivência musical pré-universitária dos seus alunos atuais de Percepção III:

(...) Eu pensei: 'como é que eu vou conseguir dar o conteúdo da disciplina Percepção Musical com pessoas que estudaram dois meses e conseguiram passar?' Pra esses eu falei: 'Olha, eu não sei se isso foi uma sorte ou um azar. Eu acho que foi um azar'. Porque música pressupõe que a pessoa tenha um formação anterior. (prof^a. Ermelinda, anexo 4)

Ainda sobre tal dificuldade encontrada pelo docente, a prof^a. Aparecida faz uma ressalva importante: "(...) em se tratando de alunos adultos, estes também têm uma parcela de responsabilidade no seu aproveitamento". Sem a dedicação do aluno mais atrasado, qualquer esforço do professor para fazê-lo progredir será inútil.

Como consequência dos últimos tópicos citados, surge o terceiro ponto negativo, apontado pela prof^a. Sara: o docente encontra muita dificuldade no cumprimento dos objetivos estabelecidos pela ementa da disciplina. O tempo que o professor tem para trabalhar não é suficiente para suprir o embasamento teórico que falta aos alunos com menos conhecimento musical, e ainda ensinar todo o conteúdo planejado, atendendo satisfatoriamente a toda a turma.

O quarto e último ponto negativo destacado, também citado pela prof^a. Sara Cohen, trata do aluno mais avançado. Este pode ter a sensação de não estar progredindo no conhecimento abordado pela disciplina. Cabe então ao professor saber como conduzir a sua aula de modo a envolver a turma como um todo na aprendizagem, a despeito do conhecimento musical variado dos alunos e de todos os desafios que esse quadro venha a gerar.

2.4. Os recursos do professor

2.4.1. Recursos em sala de aula

Quanto às dinâmicas ou recursos desenvolvidas pelo professor em sala de aula, algumas trabalham predominantemente a parte coletiva, envolvendo a turma como um todo, a didática na sala de aula, a interação

entre os alunos, etc. Por outro lado, outras enfocam mais a individualidade do aluno, as suas dificuldades específicas, ou como ele por si só pode desenvolver o seu conhecimento da disciplina. Conforme a declaração da prof^a. Aparecida sobre o trabalho do professor, “para ele, deve existir cada aluno em particular e a turma como um todo”. Essa opinião é compartilhada pelos demais entrevistados.

O uso de uma abordagem didática foi o principal recurso mencionado nesta pesquisa, ainda mais diante de um quadro heterogêneo de conhecimento, como é o caso em questão. Conforme já foi dito, os alunos mais atrasados conseguem aprender e os mais preparados vivenciam e entendem na prática como se deve ensinar aquele conteúdo.

Quanto a isso, poucos autores foram citados pelas entrevistadas nos seus depoimentos: a prof^a. Ermelinda diz utilizar os métodos de Esther Sclair e Bohumil Med, enquanto a prof^a. Aparecida também cita o método de Esther Scliar, adaptado por ela à realidade da Escola de Música e ao atual programa de Percepção Musical (os nomes dos livros não foram citados). Como ex-aluno de graduação da professora Beatriz por três períodos, de 2005 a 2007, lembro-me de dois dos livros por ela utilizados: “Solfejo”, de Edgar Willems (1985), para uma fase inicial; e “Rítmica”, de José Eduardo Gramani (2002). Com certeza a didática em que ela se baseia não se resume somente às obras agora citadas. O fato é que os professores não se detiveram em mencionar métodos, apostilas e livros na entrevista “pela sua obviedade”, conforme as palavras da prof^a. Aparecida.

De fato, a grande questão a ser discutida aqui são os recursos desenvolvidos pelos próprios professores de percepção. A prof^a. Ermelinda dá um exemplo de abordagem didática ao ensinar o dodecafonismo aos seus alunos – entre outras ferramentas utilizadas, ela tratou o assunto do ponto de vista histórico, e também trabalhou mais profundamente com as obras dodecafônicas de Edino Krieger, das quais ela é muito conhecedora. Nesse sentido, cabe aqui mencionar uma experiência própria, vivenciada durante a realização deste trabalho, que explica muito bem como os docentes realizam a chamada “abordagem didática” – que é o enfoque principal dessa discussão.

Assistindo a uma aula da prof^a. Sara Cohen, antes de realizar a entrevista, pude acompanhar a leitura com os alunos de um exercício do livro “Rítmica”, de José Eduardo Gramani (2002). Depois de trabalhar um trecho de um exercício completo do livro, a prof^a. Sara dedicou um tempo para mostrar aos alunos como o exercício foi pensado. Ela então explicou que o modelo da voz superior do exercício foi trabalhado com diferentes pulsações: com o compasso binário composto (dividido em três partes de tempo), com o compasso ternário simples (dividido em duas partes de tempo), e com um compasso de um único tempo (dividido em seis partes de tempo), mantendo constante a duração de tempo das semicolcheias. Na segunda parte do exercício, o autor passa a alternar os três compassos utilizados dentro da repetição do mesmo modelo, combinando pulsações diferentes na voz superior e inferior, com o intuito de trabalhar com o aluno a realização de diferentes pulsos de forma variável e concomitante, sem que se perca o valor fixo das semicolcheias.

Por outro lado, a abordagem didática da prof^a. Beatriz para o trabalho na Percepção Musical consiste, entre outras coisas, em conscientizar o aluno de que o processo de aprendizado na aula de Percepção é basicamente dividido em três etapas: conceitualizar, emitir e reconhecer. Conforme as suas próprias palavras:

(...) é uma disciplina muito abstrata, essencialmente abstrata, que precisa de embasamento teórico para que a gente possa começar a entrar em um entendimento absolutamente musical, mental, cerebral. (...) É muito mais importante treinar tudo ele emitindo, ele fazendo sem escrever, para depois escrever. Porque o que ele consegue realizar, ele vai perceber muito mais seguramente, com muito mais velocidade, com muito menos chance de errar. (prof^a. Beatriz, anexo 3)

Entende-se, portanto, que a abordagem didática consiste em não somente fazer o aluno realizar o exercício, mas também torná-lo consciente de quais elementos da percepção musical ele está trabalhando, e também como tais elementos estão sendo abordados. Dessa forma, o aluno compreende a forma e os princípios do exercício, o que lhe permite entender melhor como ele deve realizá-lo. Em outras palavras, a abordagem didática trabalha com os

conceitos teóricos, que servem como ferramentas para que o aluno entenda e pratique melhor as atividades propostas.

Outro recurso citado por três das quatro entrevistadas é o ritmo acelerado da aula, justamente devido às turmas heterogêneas. As professoras estimulam os alunos mais atrasados a seguirem o ritmo que elas impõem, para que tenham um bom progresso. “A gente tem que puxar sempre a aula para o nível mais elevado possível. E essa evolução do aluno muitas vezes está abaixo do que deveria ser o seu ponto de partida na Percepção I”. (profª. Beatriz, anexo 3) .

A utilização de um repertório musical variado dentro da Percepção Musical contribui para que o aluno compreenda a aplicação da disciplina na prática musical. É importante que os conteúdos sejam abordados “nas mais diversas concepções de artes – música moderna, tonal, sem estabilidade tonal. O aluno deve ter a cabeça aberta” (profª. Beatriz). Sobre isso, afirma a profª. Aparecida:

(...) utilizo elementos não só da música erudita tradicional mas como da música popular (folclore), da música popular urbana e da música contemporânea. Penso, desta maneira, numa abordagem mais ampla dos conteúdos da linguagem elementar da música, agora no século XXI. O perfil do aluno da EM, nos dias de hoje, é bem diversificado e merece que se contemple igualmente a todos. (profª. Aparecida, anexo 2)

Dentro ainda deste recurso, a profª. Sara Cohen faz duas observações importantes:

- ela cita em sua entrevista a importância dos trabalhos com encadeamentos, porque trabalha com relações, e não com elementos isolados. Há inúmeras possibilidades de aplicação em repertório conjugado, tanto de música erudita quanto de música popular.

- A realização de solfejos como apresentações em sala de aula, seguida de discussão, permite que os alunos notem diferentes elementos da atividade perceptiva:

(...) você pede que eles tragam na aula seguinte, e eles vão apresentar aquilo como se fosse uma música, vão cantar o solfejo. Aí as pessoas comentam, fazem comentários sobre aquilo que eles ouviram. Aí a gente tem que discutir: quais os critérios de escuta? Que elementos estavam sendo avaliados

ou não? Com isso você vai poder falar de precisão rítmica, de manutenção da pulsação, de afinação, de expressão, de clareza na mostra da forma musical que o solfejo está apresentando, de elementos de dinâmica, de articulação (...) Perceber não é só fazer solfejo e ditado. Perceber basicamente é abrir a escuta. (profª. Sara, anexo 5)

O recurso do incentivo à colaboração – que não deixa de ser um trabalho de percepção fora do domínio musical – é ainda mais útil quando aplicado em turmas heterogêneas. Segundo a profª. Sara, o professor deve estimular os alunos a ouvir uns aos outros, fazer relações e expressar o que escutam de cada um – não em um contexto de competição, mas de colaboração.

Há também uma dinâmica interessante para o professor, do ponto de vista da individualidade do aluno, realizada pela profª. Ermelinda, já citada nesta monografia em outro momento. Em sua entrevista, ela relata os detalhes e os seus objetivos com a dinâmica na turma de Percepção III:

(...) eu pedi que eles fizessem uma pequena história de vida (no máximo três páginas), focalizando como eles chegaram na música, qual foi a trajetória deles, porque é que eles estavam fazendo música, qual era a expectativa deles e o que eles já tinham feito até então. Eu queria com isso tentar conhecê-los o mais rápido possível, já que com trinta e poucos dentro de sala ia ser difícil ter esse conhecimento. Para facilitar e inclusive direcionar um pouco o meu trabalho, conhecendo as necessidades deles ou experiência e vivência, isso facilitaria. (profª. Ermelinda, anexo 4)

A heterogeneidade da formação musical dos seus alunos era tão grande que, mesmo com toda a sua experiência, a entrevistada se viu obrigada a repensar como trabalharia o conteúdo da Percepção III em uma turma como essa. Portanto, especialmente em turmas maiores, esta é uma ferramenta útil para o docente, no sentido de conhecer melhor a turma para então escolher quais recursos ele deve utilizar.

O principal recurso utilizado pela profª. Beatriz em sala de aula, de acordo com a sua entrevista, é estimular a participação do aluno, mostrando a ele que a sua atitude é determinante no processo de aprendizagem – este fato, aliás, é um consenso entre os demais professores. Para ela, “a atenção é tudo. Então sem atenção, sem trabalho dele e sem interesse, você não chega a

lugar nenhum. Esse é o meu ponto de partida. Ele tem que fazer a parte dele. ” A professora ainda cita como pontos importantes a “intenção de memorizar”, a “velocidade de raciocínio”, um “bom embasamento da teoria musical”, não ter “vergonha” ou “medo de errar”. E, se for preciso, o aluno deve “buscar a sua ajuda” com um monitor ou colega de turma, ou mesmo com aulas particulares .

Como se pode perceber, os recursos ou dinâmicas de trabalho são por demais variados, e cada um tem objetivos próprios que justificam a sua aplicação. Eles inclusive podem ser aplicados conjuntamente. Por exemplo: a realização de solfejos como apresentações em sala de aula, sugerida pela prof^a. Sara – nela estão presentes tanto o recurso do repertório musical quanto o da colaboração entre os alunos. A prof^a. Aparecida, a partir de sua experiência de longos anos como professora – do ensino fundamental ao ensino superior – entende que o “equilíbrio entre os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor no processo ensino-aprendizagem” deve ser buscado a todo tempo pelo docente. Cabe a ele, portanto, conhecer as diferentes dinâmicas de trabalho e aplicá-las de acordo com a turma e os seus desafios de aprendizagem.

2.4.2. Recursos fora da sala de aula

Conforme a prof^a. Ermelinda afirma, o estudo da Percepção Musical é como o estudo de Matemática: o aprendizado depende da realização de exercícios, do estudo regular. Em outras palavras, o estudo na Percepção não pode ser realizado somente em sala de aula, principalmente para os alunos com dificuldade. As professoras Beatriz e Sara, em determinados momentos, afirmam que estimulam o estudo fora da sala de aula através de trabalhos para casa, o que é aliás uma prática comum na docência em geral. De igual modo, a colaboração entre os alunos através do estudo conjunto fora da sala de aula é uma prática incentivada pelos professores, conforme consta nas entrevistas.

A prof^a. Sara, no entanto, trabalha com um recurso ainda pouco utilizado no estudo da Percepção fora da sala de aula: os *softwares* ou programas de computador. As duas maiores vantagens deste recurso são estas:

- a variedade de campos de trabalho a ser trabalhada, de acordo com a qualidade do *software* – intervalos, acordes, escalas, encadeamentos, etc.;
- a independência do aluno: ele pode fazer tais exercícios sem que seja necessária a participação de outra pessoa;

Em contrapartida, Sara afirma que o uso de *softwares* como ferramenta de estudo da percepção só será produtivo com alunos que já passaram por uma iniciação musical, e portanto já têm um embasamento teórico suficiente para compreender os exercícios realizados. Além do mais, este é um recurso complementar, servindo para exercitar conteúdos trabalhados em sala de aula – afinal, o treinamento da percepção musical não pode ser descontextualizado do seu universo – a música.

O *software* que a prof^a. Sara sugere como sendo o mais completo, dentre os que ela conhece, é o “Auralia” (AURALIA, 2011). Entre outros exercícios, ele trabalha inclusive a capacidade do aluno de afinar o seu próprio instrumento, algo que nenhum outro programa conhecido pela professora oferece. Durante a realização desta monografia, foi encontrado um outro *software* projetado para o exercício da percepção musical: o “GNU Solfege” (GNU SOLFEGE, 2011), que oferece uma quantidade razoável de exercícios e é gratuito, sendo uma opção interessante, sobretudo para os alunos que não têm condições de comprar um programa pago.

2.5. A Universidade

2.5.1. O Teste de Habilidade Específica (THE)

A prof^a. Ermelinda, em sua entrevista, indica que a relevância do THE no vestibular tem diminuído ao longo dos anos. Antigamente, segundo ela:

(...) a prova de ingresso era um ditado modulante a duas vozes, clave de sol e fá, era percepção de acordes, era leitura à primeira vista, solfejo nas claves... era todo um resumo de

um conhecimento realizado num curso técnico que já existia antes. Não passava, e não passava mesmo. Porque o vestibular era aqui da escola. (profª. Ermelinda, anexo 4)

Em contrapartida, hoje em dia, afirma ela que “o aluno só não pode tirar zero”. Como a informação é um pouco generalizada, o manual do candidato 2011 da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para o vestibular serviu de base para se definir quais são atualmente as exigências do vestibular para que o aluno seja considerado aprovado e classificado.

De acordo com o edital do vestibular 2011 da UFRJ – incluso no Manual do Candidato citado –, para conseguir a aprovação, o aluno deve ser declarado apto após as provas do THE (não há uma nota mínima estipulada no edital) e não tirar zero em nenhuma das provas das seguintes disciplinas: Português/Literatura, Redação, Língua Estrangeira, Geografia e História. Quanto à classificação, “o primeiro critério (...) será a opção de curso/habilitação e o segundo, a nota final, obedecidas as preferências de semestre e turno.” (UFRJ, 2010). Cabe observar que o THE não interfere na nota final dos candidatos e, conseqüentemente, não tem peso algum na classificação final dos candidatos. Com essas mudanças, o conhecimento musical passou a ser menos relevante no processo de admissão dos candidatos. De acordo com a profª. Ermelinda, o ingresso de alunos sem uma base musical adequada é reflexo dessas mudanças.

A profª. Ermelinda afirma, inclusive, que a Reitoria da UFRJ tentou acabar com o THE (fato confirmado pela profª. Beatriz), e os professores André Cardoso e Roberto Macedo – diretor da Escola de Música e diretor dos cursos de graduação desta escola, respectivamente – lutaram para que essa medida não fosse concretizada. O argumento deles foi muito coerente: a aprovação e a classificação dos candidatos seria inteiramente definida a partir de outros conhecimentos além dos musicais.

Ainda de acordo com a profª. Ermelinda, o motivo principal para que essas mudanças no vestibular tenham ocorrido é o que ela chamou de “nova visão de universidade”, em que o aspecto quantitativo é mais importante do que o qualitativo. De fato, as mudanças no acesso aos cursos de graduação em música confirmam a sua afirmação. Assim como ela, a profª. Beatriz

também acredita que o THE poderia ser melhor elaborado e explorado, melhorando o nível e a abordagem das questões, e buscando incentivar o raciocínio do aluno.

Já a prof^a. Sara sugere que a forma de avaliação dos testes pode ser heterogênea. Essa possibilidade vem a embasar a constatação da prof^a. Aparecida: “(...) observo a participação cada vez menor dos professores de Percepção na correção das provas. ” Este é outro assunto a ser avaliado e discutido em uma possível reformulação do THE.

Por fim, a prof^a. Aparecida defende que as provas do THE deveriam ser de responsabilidade exclusiva da Escola de Música, como relata a seguir:

(...) há alguns anos, inconformada com o desnível das turmas, procurei saber como poderia ter acesso às provas escritas do THE enquanto os alunos ainda eram calouros, isto é, no início do ano letivo. Eu pretendia fazer a mesma pesquisa (...). Bem, fui então informada que as provas estavam no Fundão e deveriam permanecer lá até findo o prazo de pedido de revisão. Por esta e outras considero que as medidas a serem adotadas para corrigir o problema devem ficar no âmbito da EM. (prof^a. Aparecida, anexo 2)

2.5.2. Os monitores

Há um consenso entre as docentes entrevistadas quanto à importância da participação de alunos monitores nas classes de Percepção: “tem sido uma experiência enriquecedora para todos; professores, monitores e alunos que ingressam com poucos conhecimentos e precisam intensificar os estudos para acompanhar a turma.” (prof^a. Aparecida). Faz parte do trabalho deles atender às dificuldades dos alunos de forma mais individual, dentro da carga horária estabelecida, o que poderia se chamar de “reforço”. A prof^a. Aparecida ainda constata que o trabalho deles ajuda a minimizar a heterogeneidade de conhecimento nas turmas.

2.5.3. A criação de testes de nivelamento

Apenas dois comentários foram realizados acerca do teste de nivelamento. A prof^a. Ermelinda não acredita que essa medida venha a

resolver, já que o problema central está na nova visão da universidade; Já a prof^a. Aparecida relata que, na sua opinião, tais testes poderiam gerar problemas de incompatibilidade de horários para o aluno recém-admitido na universidade – o horário da disciplina avançada poderia ser concomitante com os horários de outra disciplina do primeiro período, e então o aluno ficaria um semestre sem cursar a Percepção.

2.5.4. A criação da disciplina “Introdução à Percepção Musical”

A prof^a. Ermelinda já experimentou algo parecido com o que é proposto neste sub-item: a criação da disciplina “Percepção Musical Zero”, ou “PEM Zero”, na UNIRIO. Essa medida foi inspirada nas disciplinas “Cálculo Zero” e “Física Zero” na Faculdade de Engenharia; no primeiro dia de aula, os professores davam aos alunos uma prova, cujo resultado indicaria quais alunos deveriam fazer as disciplinas introdutórias e quais estavam aptos a cursar Cálculo I ou Física I.

Quando a turma de PEM Zero foi instituída, os alunos indicados a cursar a turma introdutória devido ao mau desempenho na prova do primeiro dia de aula reivindicaram o direito de cursar a Percepção I, por terem sido aprovados no vestibular, o que não acontecia na Faculdade de Engenharia. Essa situação não permitiu que o projeto continuasse.

Medidas como essa não são um consenso entre os professores. A prof^a. Aparecida acha que o oferecimento da Introdução à Percepção Musical seria uma boa opção. Em contrapartida, segundo a prof^a. Beatriz, não haveria mais razão para existir o THE se essa disciplina fosse criada. Como a introdução à percepção musical já deve fazer parte do estudo pregresso de um aluno de graduação em música, normalmente realizado em turmas de teoria musical (que trabalham também a percepção em níveis mais elementares) o mais lógico a se fazer seria melhorar o THE, e não criar uma disciplina introdutória.

2.6. Considerações adicionais

- a percepção e a memória auditivas humanas começam já na vida intrauterina e se estendem por toda a vida (prof^a. Beatriz);
- aparentes incapacidades dos alunos são, na realidade, falta de orientação; portanto a orientação do professor ajuda o aluno a superar as dificuldades e atenuar a heterogeneidade de conhecimento (prof^a. Beatriz – confirmado pelos outros professores);
- a realização de exercícios também é essencial no aprendizado da percepção (prof^a. Beatriz, Ermelinda e Sara). “Vocês precisam estudar pelo menos uma hora diária . (...) Estudo para o músico é imprescindível, tem que ser regular e tem que ser sempre” (prof^a. Ermelinda). “O professor tem que ser um eterno estudioso” (prof^a. Beatriz);
- Para o trabalho da Percepção Musical, é necessário que o aluno tenha um embasamento teórico anterior, com alguma vivência desenvolvida (todas as entrevistadas). Com um elemento de teoria musical pode-se fazer muitos trabalhos de percepção (prof^a. Beatriz);
- a heterogeneidade de conhecimento nunca deixará de existir, mesmo em turmas mais adiantadas. Uma turma pressupõe a existência de pessoas de origem, formação, motivação e personalidades diferentes. Além disso, cada aluno tem também a sua carga horária de estudo individual. Tudo isso vai interferir na capacidade de assimilação de cada aluno (todas as entrevistadas);
- A heterogeneidade, quando cultural e social, é excelente. (prof^a. Ermelinda)
- Quem estabelece a heterogeneidade? O aluno que sabe mais ou o aluno que sabe menos? (prof^a. Sara)

CAPÍTULO III

OS RESULTADOS

Neste capítulo, serão abordados os principais resultados das quatro entrevistas – ou seja, os assuntos em que há um consenso por parte de todas as entrevistadas, bem como aqueles mais discutidos e problematizados por elas durante a entrevista. Em seguida, uma questão final sobre o tema, proposta pela prof^a. Sara, será discutida a partir dos resultados obtidos.

Em termos gerais, pode-se dizer que o resultado da pesquisa foi muito satisfatório porque, além de fornecer informações relevantes para responder as questões propostas, ainda permitiu que se entendesse mais a fundo a realidade da situação em discussão dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

3.1. A atitude do aluno e do professor

O grande consenso entre todas as entrevistadas foi a importância da atitude do aluno e do professor diante da heterogeneidade de conhecimento – segundo elas, este é o fator mais determinante na eficácia do processo ensino-aprendizagem. Cabe ao professor buscar compreender e explicar todas as dúvidas dos alunos, para que eles “se sintam confortáveis e competentes” (prof^a. Beatriz), e também “criar e propor atividades que tirem proveito de todos os pontos positivos que essa situação pode gerar” (prof^a. Sara). Enquanto isso, ao aluno com mais dificuldade cabe a realização de exercícios fora de sala de aula, o estudo da teoria musical (que dará a ele o embasamento teórico para compreender os termos utilizados nas aulas) e, se necessário, a busca de ajuda com colegas de turma ou monitores.

Este fato explica porque as turmas de Percepção superaram a maior heterogeneidade de conhecimento nos últimos anos: a combinação de professoras experientes, empenhadas no exercício da docência, com alunos estimulados a vencer as suas dificuldades, permitiu que essa realidade não interferisse negativamente no aprendizado dos alunos.

3.2. A superlotação das turmas

Três das quatro entrevistadas mencionaram a superlotação das turmas como um dificultador do ensino-aprendizagem. Esse fator, de acordo com as mesmas, dificulta sobretudo o trabalho do professor, que tem mais dificuldade em reconhecer as dificuldades específicas de cada aluno (prof^a. Sara). Como no questionário utilizado não haviam perguntas diretamente a este sub-tema, todos os relatos relacionados à quantidade excessiva de alunos por turma foram espontâneos, comprovando que as professoras consideram este um ponto importante em relação à heterogeneidade de conhecimento: lidar com essa situação em uma turma com muitos alunos se torna ainda mais complicado para o professor.

Este fato, de acordo com o depoimento da prof^a. Ermelinda, está associado a uma nova visão de universidade, que resulta em trabalho mais quantitativo do que qualitativo. Pelo menos em relação à quantidade, os dados do INEP confirmam esta afirmação:

O número de matrículas na educação superior brasileira aumentou de 3,5 milhões para 5,9 milhões em sete anos. Quase um milhão de alunos são formados a cada ano. Em 2002, os concluintes eram apenas 467 mil. (...) Os cursos de graduação tiveram crescimento de 13% em relação a 2008. Dentre eles, os cursos a distância aumentaram 30,4% — metade deles é de licenciatura. (INEP², 2011)

Todavia, considerando as turmas de Percepção Musical e as entrevistas realizadas, percebe-se que os alunos entram na universidade com menos conhecimento musical do que há 20, 30 anos atrás. Pelo menos na realidade dos cursos de música, isso prova que a causa da democratização do acesso à universidade não foi necessariamente o maior acesso de crianças e adolescentes a um ensino musical de qualidade antes da universidade (o que aconteceu foi justamente o contrário, conforme consta no próximo tópico). Na verdade, os candidatos hoje conseguem ingressar nos cursos de graduação

2 Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

em música com um tempo menor de estudo musical, resultando no aumento do número de universitários que cursam música no Brasil.

3.3. O estudo de música antes da universidade

A principal causa apontada nas entrevistas para que haja tal heterogeneidade é a falta de uma orientação musical mais completa de alguns dos candidatos aprovados no vestibular. Conforme diz a prof^a. Sara, diversos fatores contribuíram para que isso acontecesse, como: a ausência de música nas escolas regulares; o fato de a sociedade atual ser mais heterogênea em relação ao passado, o que também se reflete no ensino musical pré-universitário; e a valorização de outras atividades extra-curriculares para crianças e adolescentes, em detrimento do estudo musical.

Afirma ainda a prof^a. Beatriz que até mesmo as aparentes incapacidades dos alunos são, “na realidade, falta de orientação”. Ou seja, entende-se a partir desta afirmação que a falta de orientação interfere mais nas diferenças de conhecimento entre os alunos do que a capacidade intelectual e musical de cada um.

3.4. Os pontos positivos e negativos da heterogeneidade

Curiosamente, a quantidade de pontos positivos apontados pelas entrevistadas foi igual à quantidade de pontos negativos – quatro. Dentre os pontos positivos, constam: a oportunidade de um rápido progresso para os alunos mais atrasados; o aprendizado empírico da didática da Percepção Musical para os alunos mais avançados; o estímulo à colaboração e ao entendimento do outro; e a oportunidade para o professor de criar e propor atividades que tirem o máximo proveito dos pontos positivos citados.

Quanto aos pontos negativos, cabe reiterar que três dos quatro pontos citados referem-se diretamente à atividade do docente em sala de aula, o que confirma a constatação de Ototumi sobre a dificuldade do docente de Percepção Musical em lidar com a heterogeneidade de conhecimento (2008,

p.182). Segundo as entrevistadas, os professores precisam começar de um nível inferior ao planejado; além disso, têm mais dificuldades em acompanhar alunos acima e abaixo da média. Como consequência dos dois fatores anteriores, o cumprimento dos objetivos de cada período da Percepção Musical também se torna mais difícil em turmas heterogêneas quanto ao conhecimento musical. O ponto restante se refere ao aluno mais adiantado, que pode ter a sensação de não estar progredindo na disciplina.

3.5. Os recursos do professor

As entrevistas demonstraram que a abordagem didática – “Como um professor deveria ensinar aquilo?” (prof^a. Ermelinda) é o principal recurso utilizado pelos professores em sala de aula – os professores justificam afirmando que o aluno mais atrasado consegue entender melhor o que está sendo ensinado, e o aluno mais adiantado aprende como se deve ensinar determinado conteúdo da disciplina.

Ainda sobre a abordagem didática, constatou-se que cada professor tem a sua maneira de fazê-la. Por exemplo: enquanto a prof^a. Beatriz trabalha com os seus alunos o processo de entendimento através da conceitualização, emissão e reconhecimento, a prof^a. Ermelinda se utiliza do contexto histórico e da discussão de obras musicais para tratar do dodecafonismo, um tema normalmente pouco conhecido pelos alunos; obviamente, estes não são os únicos recursos didáticos utilizados pelos docentes. Sobre este assunto, o mais importante é observar que, quando o professor tem o cuidado de abordar o conteúdo de maneira que o aluno não só grave e reproduza informações, mas compreenda como o treinamento da percepção está sendo trabalhado, maior a possibilidade de atender satisfatoriamente a todos os alunos da turma.

Há ainda outros recursos utilizados em sala de aula mencionados pelas entrevistadas, dentre os quais destacam-se: o ritmo acelerado das aulas (para estimular os alunos mais atrasados a progredirem mais rapidamente); a utilização de um repertório musical variado para aplicar a percepção na prática musical; o incentivo à colaboração; a realização por parte dos alunos de uma

redação sobre eles mesmos, enfocando a relação deles com a música (para que o professor conheça melhor os indivíduos que compõem a turma); e o estímulo à atitude e à participação do aluno.

Em relação aos recursos para fora da sala de aula, o uso de *softwares* voltados para o treinamento da percepção é uma ferramenta nova e interessante. A prof^a. Sara, que citou este recurso, ressalta que os programas de computador devem ser complementares do processo de ensino-aprendizagem, e não norteadores do mesmo. Observa-se portanto que os *softwares* de treinamento auditivo podem ser utilizados pelos professores juntamente com os recursos já consagrados para o aprendizado fora da sala de aula, como o dever de casa e o estudo conjunto entre os alunos.

3.6. As medidas da instituição de ensino superior

De acordo com as entrevistas, pode-se afirmar que a forma como o Teste de Habilidade Específica está sendo aplicado no vestibular da UFRJ interfere muito na realidade estudada nesta pesquisa. Comparando com o passado, este teste tem menor relevância na admissão dos candidatos aos cursos de música – segundo a prof^a. Ermelinda, isto é reflexo de uma nova visão de universidade, mais quantitativa e menos qualitativa. Além disso, os critérios de classificação do vestibular incluem somente os conhecimentos gerais estudados na escola regular, e não os conhecimentos musicais – que são avaliados no THE de forma eliminatória.

Mesmo assim, o Teste de Habilidade Específica não tem cumprido plenamente o objetivo com que foi criado, a saber, o de selecionar os candidatos que têm conhecimento musical suficiente para acompanhar satisfatoriamente os conteúdos das disciplinas da graduação. Prova disso é que as entrevistadas reconhecem que precisam começar de um ponto de partida anterior, revisando o embasamento teórico ou prático necessário para trabalhar o programa previsto pela disciplina.

Em contrapartida, um fator atenuante desta situação está na importância dada à atitude do aluno nas entrevistas em anexo. As professoras

concordam em afirmar que os alunos dispostos a se empenhar no estudo da percepção podem progredir rapidamente, o que reduz a heterogeneidade de conhecimento e permite que o docente alcance um resultado satisfatório ao final do período. Talvez as consequências seriam mais sérias se este fator não fosse tão relevante.

Baseado em todas as experiências relatadas pelas entrevistadas, o presente trabalho indica uma necessidade de se analisar e comparar mais detalhadamente os Testes de Habilidade Específica para cursos de música realizados ao longo dos últimos trinta anos, caso o material ainda esteja preservado pela universidade. Um estudo como esse poderia auxiliar na elaboração de respostas mais precisas sobre o tema.

Constatou-se ainda que o trabalho dos monitores é importante no desenvolvimento da turma, complementando o trabalho do professor, o principal mediador do ensino-aprendizagem. Enquanto isso, as outras medidas propostas no questionário que poderiam ser realizadas pela universidade não receberam o mesmo apoio. Os testes de nivelamento foram pouco comentados, o que indica que a medida tem pouca relevância na opinião das entrevistadas. Já as opiniões sobre a disciplina de Introdução à Percepção Musical foram controversas, sendo que a prof^a. Ermelinda ainda destacou a sua tentativa, há alguns anos, de implementar uma disciplina semelhante na UNIRIO, o que não funcionou. A disciplina de introdução, portanto, não foi considerada pelas entrevistadas em geral como uma opção adequada.

3.7. Quem estabelece a heterogeneidade?

Todos os dados expostos e analisados nesta monografia nos permitem tratar da questão que dá título a este tópico, formulada pela prof^a. Sara Cohen. A professora já havia decidido encerrar a entrevista sem fazer qualquer comentário adicional quando, pouco depois, propôs de forma muito espontânea uma comparação dos deslocamentos rítmicos dos exercícios de percepção com o “deslocamento” provocado pela heterogeneidade de

conhecimento. Tais comentários foram registrados; conforme as suas palavras:

(...) Pra você falar nesse deslocamento, é preciso que um padrão anterior esteja estabelecido. Então, para você falar da heterogeneidade como um problema – se a heterogeneidade é um problema –, é porque existe alguma coisa que é considerada a certa, como um nível a ser determinado naquele momento, naquele estado (...) se você vai iniciar um aluno, você acha que tem alguma coisa que os alunos deveriam saber naquele momento. E, se eles não sabem, você diz que há (se um sabe mais do que o outro), você diz que há uma heterogeneidade. Então eu estou me perguntando (...) onde é que está o ponto certo? É naquele que sabe muito? (...) ou é aquele que sabe menos que estabelece a heterogeneidade... ou é esse próprio conceito de achar que hoje é possível você ter uma homogeneidade, já que você não tem mais uma homogeneidade fora, antes da universidade. (...) Você tem um mundo diferente daquele de 20, 30 anos atrás. (prof^a. Sara, Anexo 5)

Antes de responder a essa pergunta, é preciso tratar de outra questão formulada neste comentário: afinal, a heterogeneidade é um problema? Vale considerar aqui um destaque importante da prof^a. Sara, que reitera o que ela já havia falado na sua resposta à primeira pergunta do questionário: as diferenças entre as turmas de percepção de trinta anos atrás e as atuais são reflexo das diferenças entre a sociedade do passado recente e a do presente. Cabe aqui uma observação importante da prof^a. Beatriz que comprova esta afirmação:

(...) Eu acho que a heterogeneidade, ela vai sempre estar presente, mesmo em uma turma de nível mais adiantado. Porque cada um tem o seu universo, a sua capacidade de assimilar, de solidificar... porque cada um tem a sua carga horária de estudo – cada um estuda mais, ou não estuda nada durante as férias, e o retorno sempre vai trazer uma heterogeneidade, tanto no primeiro período quanto nos demais. (prof^a. Beatriz, anexo 3)

Além disso, os resultados obtidos pelas professoras entrevistadas corroboram a tese de que é possível haver um processo de ensino-aprendizagem satisfatório mesmo em uma turma heterogênea – até porque todas as docentes confirmam nas suas entrevistas que lidaram e ainda lidam com este tipo de situação no exercício de suas atividades. Sendo assim, a

heterogeneidade de conhecimento não deve ser entendida como um problema em si, mas como um fator que deve ser controlado de maneira adequada, tanto pelo professor quanto pela instituição de ensino superior. Ou seja, se não for bem administrada, ela de fato pode trazer problemas à aprendizagem dos alunos. “Vai depender de como você (...) como você administra isso” (prof^a. Sara, anexo 5). “Ela não precisa ser nem positiva nem negativa; ela precisa ser desmanchada” (prof^a. Beatriz, anexo 3).

Voltando à questão principal deste tópico: uma vez constatado que tal heterogeneidade não é um problema em si, mas que pode trazer prejuízos se não for controlada, pode-se supor que haja um “ponto certo”, um padrão mínimo a ser estabelecido para que haja esse controle. Aqui não se deve entender “ponto certo” como fixo e ideal para qualquer curso de graduação. Isso porque cada universidade tem a sua ementa da disciplina, com seus objetivos e conteúdos a serem trabalhados em cada semestre. Com base nessas informações é que cada universidade deveria estabelecer o seu próprio padrão mínimo, que serviria de base para a formulação do Teste de Habilidade Específica. Em tese, a aplicação dos procedimentos citados minimizaria os efeitos de dois pontos negativos citados pelos professores em relação à heterogeneidade – não haveria necessidade de começar a matéria de um nível inferior ao planejado; e, como consequência disso, seria mais viável cumprir os objetivos propostos na ementa.

A prof^a. Sara ainda sugere no seu comentário que os alunos mais adiantados também poderiam estabelecer uma heterogeneidade de conhecimento além do normal, prejudicando igualmente a turma. Nesse caso, a postura do professor é determinante para que isso não resulte em problemas. Segundo as palavras da prof^a. Beatriz, “o ponto de partida é o aluno mais fraco”. Seria um erro do docente, portanto, privilegiar os alunos mais adiantados abordando conteúdos avançados, já que isso dificultaria o aprendizado dos demais. Ainda de acordo com a experiência dos professores entrevistados. A solução mais adequada para esta situação seria justamente a abordagem didática, defendida por todos os professores, que proporciona resultados satisfatórios para a turma em geral, conforme já foi explicado anteriormente.

CONCLUSÃO

A partir dos dados obtidos nas entrevistas e da bibliografia utilizada, pode-se concluir que a heterogeneidade de conhecimento nas turmas de Percepção não necessariamente vem a ser um fator maléfico para o processo de ensino-aprendizagem. Conforme foi explicado ao longo do trabalho, há pontos positivos e negativos decorrentes desta realidade. De acordo com as entrevistadas, o fator mais determinante para a eficácia do processo de ensino-aprendizagem em uma turma heterogênea é a atitude do aluno e do professor. Se o docente tem consciência da sua importância nessa situação e se utiliza de recursos que favoreçam o aprendizado da turma como um todo, se o aluno mais atrasado se empenha no estudo da disciplina, e se o aluno mais adiantado demonstra interesse em observar a didática do professor e a evolução dos alunos no ensino da matéria que ele já conhece, então é mais provável que os efeitos positivos da heterogeneidade se sobreponham aos negativos.

Também constatou-se que a quantidade excessiva de alunos por turma prejudica o ensino-aprendizagem. Este fato está relacionado à dificuldade que o professor encontra em atender alunos acima e abaixo da média em turmas heterogêneas quanto ao conhecimento. Quando esses dois fatores se juntam, o dever do professor se torna ainda mais complicado. É provável que, devido à experiência das entrevistadas, essas dificuldades tenham sido minimizadas; para os iniciantes na docência do ensino superior, entretanto, esse quadro representa um grande desafio na sua atividade. Nas palavras da prof^a. Aparecida, para o docente “deve existir cada aluno em particular e a turma como um todo”. Esse equilíbrio entre a coletividade e a individualidade na docência é dificultado em turmas grandes e heterogêneas.

Sobre os recursos utilizados pelas professoras, destacou-se a abordagem didática como a principal ferramenta utilizada pelas entrevistadas. Os seus depoimentos comprovam a sua eficácia, já que o enfoque dado pelo professor em como determinado conteúdo da disciplina deve ser ensinado e aprendido atende tanto aos alunos mais atrasados – que aprendem não só a

matéria, mas como ela deve ser estudada individualmente – quanto aos alunos mais adiantados, já que estes têm a oportunidade de aprender com o professor uma maneira de abordar o assunto que permita aos alunos assimilar melhor o conteúdo ensinado.

O recurso dos *softwares* de treinamento de percepção musical, comparado aos demais citados nas entrevistas, é ainda recente e não muito utilizado. Contudo, tendo em vista que “a cada ano, cresce o número de pessoas com acesso ao computador e à internet no Brasil” (MASCARENHAS, 2011), a tendência é que, com o tempo, os programas de computador sejam mais utilizados na Percepção Musical, principalmente no que diz respeito ao estudo fora da sala de aula. O “Auralia” (citado pela prof^a. Sara) e o GNU Solfege são opções de programa pago e gratuito, respectivamente, recomendadas neste trabalho. Certamente há outras opções disponíveis no mercado, mas o objetivo desta monografia não se estende a fazer um estudo detalhado de todas elas, mas sim apontar o *software* de treinamento auditivo como um novo recurso a ser utilizado por professores e alunos.

Quanto à instituição de ensino superior em questão – a Universidade Federal do Rio de Janeiro –, as entrevistas indicam que o vestibular para os cursos de música prioriza os conhecimentos gerais no processo de seleção dos candidatos. Prova disso é que, com o passar dos anos, os graduandos em música têm ingressado na universidade com menos conhecimento musical, o que foi confirmado por todas as entrevistadas, direta ou indiretamente. Por isso a presente monografia, através dos depoimentos das docentes entrevistadas, sugere questões que podem ser abordadas em estudos futuros a respeito deste tema, como:

- O Teste de Habilidade Específica para os cursos de música como existe hoje cumpre de fato todos os objetivos a que se propõe?
- O perfil dos alunos que ingressam nos cursos de graduação em música atende os requisitos necessários para se trabalhar o conteúdo previsto na ementa da disciplina “Percepção Musical I”?

- Seria benéfica a incorporação da função classificatória do Teste de Habilidade Específica para o vestibular? (atualmente o caráter do teste é somente eliminatório);

A partir de todos os tópicos já citados até aqui, pode-se afirmar também que o preparo anterior dos candidatos aos cursos de graduação em música (quando crianças e adolescentes) está em defasagem, se comparado com a realidade de quarenta anos atrás, conforme os depoimentos das entrevistadas. Portanto esta pesquisa sugere que existe a necessidade de se oferecer mais oportunidades de estudo da música para estas faixas etárias. A reintegração das aulas de música para as escolas regulares e o estímulo à realização de cursos técnicos na área seriam exemplos dentre as medidas que proporcionariam uma melhor preparação musical dos candidatos ao vestibular no futuro.

Por fim, retornando à questão principal deste trabalho, conclui-se que a heterogeneidade de conhecimento sempre existirá em qualquer turma; sendo assim, ela não é um fator a ser combatido, mas sim a ser controlado pela instituição de ensino superior, para que não chegue a proporções que inviabilizem ao docente um acompanhamento adequado de todos os seus alunos. Tal heterogeneidade de fato traz muitos desafios ao processo de ensino-aprendizagem, principalmente para o docente, conforme aponta a pesquisa de Ototumi (2008, p.182). No caso das professoras entrevistadas, o que permitiu que tal heterogeneidade fosse bem administrada pelas mesmas, de forma a tirar proveito dessa realidade, foi a experiência de anos no ensino da Percepção Musical, aliada aos recursos testados, aprovados e utilizados por elas ao longo das suas carreiras, e ao estímulo à atitude pró-ativa dos seus alunos, que de maneira geral corresponderam às suas orientações.

BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA

AURALIA. Disponível em: <<http://www.sibelius.com/products/auralia>>. Visitado em 01 de abril de 2011.

BARBOSA, Maria Flávia Silveira. Percepção musical como compreensão da obra musical: contribuições a partir da perspectiva histórico-cultural / Maria Flávia Silveira Barbosa; orientação: Marta Kohl de Oliveira. São Paulo: s.n., 2009. *apud*. PANARO, Pablo. Percepção musical: principais críticas e propostas metodológicas. Disponível em: <www.unirio.br/simpom/textos/SIMPOM-Anais-2010-PabloPanaro.pdf>. Visitado em 16 de abril de 2011.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. Administração On Line, São Paulo, v. 1, n. 1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm>. Visitado em 04 de março de 2011.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Currículo do Sistema de Currículos Lattes (Sara Cohen). Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=C77341>>. Visitado em 16 de abril de 2011.

FERREIRA, Virginia Helena Bernardes: A música nas Escolas de Música: a linguagem musical sob a ótica da percepção / Virginia Helena Bernardes Ferreira. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2000.

GNU SOLFEGE. GNU Solfège. Disponível em: <<http://www.solfège.org/>>. Visitado em 16 de abril de 2011.

GRAMANI, José Eduardo. Rítmica / José Eduardo Gramani. São Paulo: Perspectiva, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Brasil tem hoje 5,9 milhões universitários, indica o censo. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/superior/news11_01.htm>. Visitado em 16 de abril de 2011.

MASCARENHAS, Marcio. No Brasil, já são mais de 80 milhões de pessoas conectadas à internet. Disponível em: <<http://www.numberone.com.br/pagina/171/tecnologia-e-educae-231-e-227-o---no-brasil--je-225--se-227-o-mais-de-80-milhe-245-es-de-pessoas-conectadas-e-224--internet.aspx>>. Visitado em 16 de abril de 2011.

MATTAR, F. N. Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise, 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1994, 2v., v.2. *apud*. CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. Administração On Line, São Paulo, v. 1, n. 1, jan./fev./mar. 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/anival.htm>. Visitado em 04 de março de 2011.

MOVIMENTO.COM. Personagem: Sara Cohen. Disponível em: <<http://www.movimento.com/mostraconteudo.asp?mostra=3&codigo=236>>. Visitado em 16 de abril de 2011

OTOTUMI, Cristiane Hatsue Vital. Percepção Musical: situação atual da disciplina nos cursos superiores de música / Cristiane Hatsue Vital Otutumi. – Campinas, SP: s.n., 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Edital número 66 de 01 de setembro de 2010. Disponível em: <http://portal.acessograduacao.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=2&Itemid=27&limitstart=3>. Visitado em 01 de abril de 2011.

WILLEMS, Edgar. Solfejo: curso elementar. Edgar Willems; adaptação portuguesa de Raquel Marques Simões. São Paulo: Fermata do Brasil, 1985.

ZANINI, Ermelinda Azevedo Paz. Pareceres. Disponível em: <<http://usuarios.uninet.com.br/~ermepaz/pareceres.html>>. Visitado em 17 de abril de 2011.

ZANINI, Ermelinda Azevedo Paz. Pedagogia Musical Brasileira no Século XX – Metodologias e Tendências. Brasília: Editora MusiMed, 2000.

ZANINI, Ermelinda Azevedo Paz. Síntese Biográfica. Disponível em: <<http://www.ermelinda-a-paz.mus.br/>>. Visitado em 16 de abril de 2011.

ZANINI, Ermelinda Azevedo Paz. Um Estudo sobre as Correntes Pedagógico-Musicais Brasileiras. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 2^a. ed. 1995.

ANEXOS

Índice de anexos

Anexo 1 >> Questionário

Anexo 2 >> Entrevista com a prof^a. Aparecida Antonello

Anexo 3 >> Entrevista com a prof^a. Beatriz Licursi

Anexo 4 >> Entrevista com a prof^a. Ermelinda Paz Zanini

Anexo 5 >> Entrevista com a prof^a. Sara Cohen

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO:

A HETEROGENEIDADE DE CONHECIMENTO NAS TURMAS DE PERCEPÇÃO MUSICAL DA GRADUAÇÃO

PARTE 1 – a influência no ensino-aprendizagem

1- Sabe-se que as turmas de Percepção Musical na graduação são muito heterogêneas em termos de conhecimento, sobretudo nos primeiros períodos, e que essa realidade influencia no processo de ensino-aprendizagem. Discorra sobre a sua experiência como professor em relação a esse assunto.

2- Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, você acha que a heterogeneidade de conhecimento nas turmas de Percepção:

- a () é um fator exclusivamente positivo
- b () é um fator predominantemente positivo
- c () traz igualmente pontos positivos e negativos
- d () é um fator predominantemente negativo
- e () é um fator exclusivamente negativo

3- Justifique sua resposta anterior.

PARTE 2 – os recursos do professor

4- Descreva os recursos que você utilizou ao longo da sua carreira como professor para lidar com essa situação?

5- Quais foram os mais e os menos eficazes? Por quê?

PARTE 3 – a instituição de ensino superior

6- Na sua opinião, a forma de avaliação do vestibular, incluindo os Testes de Habilidade Específica (THE), favorece que haja a heterogeneidade de conhecimento entre os alunos?

7- Você acha que medidas para reverter esse quadro nas turmas de graduação melhorariam o processo de aprendizagem? Ex: teste de nivelamento para alunos novos; a criação de uma disciplina de “Introdução à Percepção Musical”; ou o oferecimento de aulas extras por alunos monitores.

PARTE 4 – considerações finais (opcional)

8- Deseja fazer ainda algum comentário adicional sobre este tema?

ANEXO 2

ENTREVISTA COM A PROF^a. APARECIDA ANTONELLO

(respostas escritas)

1)

Embora o questionário não mencione, suponho que as perguntas se destinam a avaliação da PEM ministrada na E. de Música da UFRJ e não em escolas de música em geral.

O quadro atual, descrito por você com turmas “muito heterogêneas” e sua “ influência no processo ensino-aprendizagem” merece um recuo no tempo para que se tente saber as causas.

De minha parte, posso registrar o que observei desde 1994, quando ingressei na EM como professora. Naquele momento, a equipe de PEM era constituída de seis professores e a obrigatoriedade de cursar a disciplina variava de dois a quatro períodos, dependendo do curso que o aluno freqüentava no bacharelado. Na Licenciatura não havia a PEM e sim a disciplina Estruturação Rítmico-melódica com apenas um período de duração.

Com as reformas no currículo, foram incluídas as PEM I,II,III e IV na licenciatura e os alunos do bacharelado e licenciatura passaram a compartilhar as mesmas aulas.

Havia um THE diferenciado para os candidatos ao bacharelado e à licenciatura, pois o nível de exigência para a prova instrumental (ou vocal) do bacharelado era muito mais alto do que o da licenciatura. Por conta disto, havia candidatos que, temendo reprovação na prova de performance exigida pelo bacharelado, inscreviam-se no vestibular para a licenciatura e tempos depois, já cursando, pediam transferência para o bacharelado.

Reconheço que até hoje, não sei qual o peso no THE, da prova escrita e oral da teoria musical. Fica aqui também, a pergunta sobre qual o peso do THE no Vestibular.

Não podemos esquecer que toda turma, reunida para estudo, revelará pessoas de origem, formação, motivação e personalidade diferentes e naturalmente heterogeneidade.

E por fim, observo a participação cada vez menor dos professores de Percepção na correção das provas.

Estes são alguns aspectos que concorrem, a meu juízo, para a existência de turmas tão heterogêneas.

2) e 3)

Quanto à influência no ensino-aprendizagem, vejo pontos positivos e negativos numa turma heterogênea. É um mal menor a ser trabalhado pelo professor. Para ele, deve existir cada aluno em particular e a turma como um todo. Cada turma, ao longo do curso, vai adquirindo características próprias e o professor deve ter sensibilidade para explorar o seu potencial.

Como ponto negativo fica a impossibilidade do professor atender apropriadamente alunos abaixo e acima da média. Não esquecendo que, em se tratando de alunos adultos, estes também têm uma parcela de responsabilidade no seu aproveitamento.

4) e 5)

Descrever os recursos que utilizei ao longo de minha carreira daria um livro.

Para aulas de Percepção utilizo basicamente o método de Esther Scliar adaptado por mim à realidade da EM e ao atual programa de PEM.

A experiência de longos anos em escolas de ensino fundamental e médio e que me valeu até uma aposentadoria, antes de ingressar na EM, me ensinou a tentar estabelecer um equilíbrio entre o domínio cognitivo, afetivo e psicomotor no processo ensino-aprendizagem. Mas não é fácil em se tratando do ensino da música, em um ambiente conservador, onde boa parte de alunos e professores ainda considera a Percepção como um espaço exclusivo para treinamento de solfejos e ditados. A parte conceitual, incorporando os aspectos cognitivo e afetivo do conhecimento é, a meu ver, fundamental na reflexão e possível revisão dos conteúdos da disciplina PEM.

E o repertório é o veículo que o professor lança mão para despertar a discussão sobre os conteúdos da disciplina. Assim, utilizo elementos não só da música erudita tradicional mas como da música popular (folclore), da música

popular urbana e da música contemporânea. Penso, desta maneira, numa abordagem mais ampla dos conteúdos da linguagem elementar da música, agora no século XXI. O perfil do aluno da EM, nos dias de hoje, é bem diversificado e merece se contemple igualmente a todos.

Deixo de mencionar material instrucional, apostilas, livros e outros, pela sua obviedade.

Não sei se os recursos que utilizo são mais ou menos eficazes mas são os que julgo adequados e nos quais acredito.

6)

Esta pergunta já respondi na pergunta 1.

7)

Como já expus anteriormente, a heterogeneidade nas turmas sempre existirá. Mas é possível minimizá-la. A UFRJ vem disponibilizando alunos monitores para as classes de PEM e tem sido uma experiência enriquecedora para todos; professores, monitores e alunos que ingressam com poucos conhecimentos e precisam intensificar os estudos para acompanhar a turma.

É preciso não confundir aulas extras com reforço. O reforço é importante porque permite reunir fora das aulas regulares, o monitor e alunos com dificuldades e neste caso para treinamento de solfejos e ditados. O monitor em tese, não está preparado para ministrar aulas e legalmente não deveria fazê-lo.

Quanto a teste de nivelamento para os calouros, acho bem complicado pois entraria em choque com o direito do aluno de organizar o seu horário. Ele poderia, depois do teste, ser incluído num horário concomitante com outras disciplinas escolhidas.

A adoção da disciplina “Introdução à Percepção Musical” vem sendo discutida no Dep.04 mas não se chegou a um consenso. Em contrapartida foi aprovada a PEM V e VI, que é optativa. De minha parte, acho que a primeira opção seria a melhor e viria corrigir o que você menciona na pergunta 1.1

como heterogeneidade “sobretudo nos primeiros períodos”. É ali que reside o problema maior.

Gustavo, há alguns anos, inconformada com o desnível das turmas, procurei saber como poderia ter acesso às provas escritas do THE enquanto os alunos ainda eram calouros, isto é, no início do ano letivo. Eu pretendia fazer a mesma pesquisa que você propõe.

Bem, fui então informada que as provas estavam no Fundão e deveriam permanecer lá até findo o prazo de pedido de revisão.

Por esta e outras considero que as medidas a serem adotadas para corrigir o problema devem ficar no âmbito da EM. E mais, no caso de ser adotada a disciplina “Introdução à Percepção Musical”, que seja optativa.

8)

Há um outro aspecto relevante e que você não abordou. A EM vem aumentando o número de vagas para ingresso e o número de professores de Percepção vem diminuindo. Esta matemática resulta em turmas de até 35 alunos. É um absurdo e não há homogeneidade que resista a turmas tão numerosas. Trinta ou mais alunos nem ao menos cabem, de maneira minimamente confortável, nas salas disponíveis na EM.

Enquanto as turmas não diminuïrem para mais ou menos 15 alunos, não há como oferecer um trabalho mais produtivo.

Desculpe a maneira incisiva com que me expresso, mas a verdade é que este filme é meu velho conhecido.

----- / / -----

ANEXO 3
ENTREVISTA COM A PROF^a. BEATRIZ LICURSI
(respostas orais)

1)

Em relação à heterogeneidade... eu acho que a heterogeneidade, ela vai sempre estar presente, mesmo em uma turma de nível mais adiantado. Porque cada um tem o seu universo, a sua capacidade de assimilar, de solidificar... porque cada um tem a sua carga horária de estudo – cada um estuda mais, ou não estuda nada durante as férias, e o retorno sempre vai trazer uma heterogeneidade, tanto no primeiro período quanto nos demais. Isso pode ser um pouco neutralizado, de acordo com a dedicação que o aluno vai ter no seu estudo diário da disciplina, em cima da orientação minuciosamente relatada na sala de aula.

Porque é uma disciplina muito abstrata, essencialmente abstrata, que precisa de embasamento teórico para que a gente possa começar a entrar em um entendimento absolutamente musical, mental, cerebral. Então isso tem que ter orientações específicas para situações específicas. Cada situação pode apresentar mais de um tipo de dificuldade, ou seja, um aluno tem uma dificuldade de um jeito diferente do outro pra um mesmo detalhe, um mesmo momento da disciplina.

Então eu acho que a gente tem que ter é um universo na cabeça de atender a todas as indagações para que o aluno se sinta confortável e competente. E cada um, pelo seu caminho de dificuldade, a gente vai dando o caminho da solução da heterogeneidade: é que todos resolvam as suas aparentes incapacidades que são, na realidade, falta de orientação.

Eu acho que a percepção musical não é talento, não é mágica... não é nada extraordinário. É trabalho. A memória auditiva é uma coisa inata, expansível, e que responde ao exercício. Então como é que a gente neutraliza isso? Orientação e o aluno com a sua parte estudando em casa.

2) e 3)

Eu não vou qualificar. Eu acho que ela vai existir sempre, como eu já disse. Ela não precisa ser nem positiva nem negativa; ela precisa ser desmanchada. Você não pode entrar na cabeça do aluno; agora, a gente dá caminhos para que todos cheguem a um ponto de entendimento, de acompanhamento, de criatividade, de organização dos sons, do ritmo, da linguagem musical, do pensamento musical... é isso que a gente tem que fazer com a percepção.

Agora, uma coisa é fato: o aluno que não tem uma boa base de teoria musical não vai acompanhar a aula de percepção musical. Porque não é uma aula de percepção musical exclusivamente no processo “de ouvido”, entre aspas, como aprender um instrumento de ouvido.

É um processo que tem um entendimento bastante importante, que tem uma fundamentação teórica das coisas, com uma vivência – diversificada, criativa e expansível – desenvolvida daqueles elementos teóricos. Com um elemento de teoria, você pode fazer milhares de coisas com ele na percepção.

A heterogeneidade... não vou dizer nem que ela é positiva por isso, porque ela vai criar esses fatores. O professor já tem que entrar em sala de aula disposto a fazer tudo isso, sem saber o quanto heterogênea é a turma.

Agora, o ponto de partida é o aluno mais fraco, mas falando pra ele: “vem comigo”. Porque a gente tem que puxar sempre a aula para o nível mais elevado possível. E essa evolução do aluno muitas vezes está abaixo do que deveria ser o seu ponto de partida na Percepção I. Então são coisas que a gente sabe, e que faz ele entender que isso aí ele tem que fazer rápido, por um caminho bem orientado; e que, se precisar de ajuda, ele vai buscar a sua ajuda: ou com um monitor dentro de sala de aula, ou com um colega fora da sala de aula, ou com aula particular, ou vai estudar em casa com o amigo... enfim, diversos recursos.

O importante é ele sempre expor a sua percepção em sala de aula. Sem ter vergonha, sem ter medo de errar. E é assim que a gente vai aprendendo, fazendo.

4) e 5)

Os recursos que eu utilizo ao longo da minha carreira são aqueles que dão certo... os que eu experimentei e não deram certo, eu nem sei dizer quais são. Porque eu... aliás, é muita coisa também, assim, de procedimento didático. Então desde o início da minha carreira o que eu fui utilizando e vendo que não dava certo pra ninguém, eu eliminei. Eu substitui só por procedimentos que dão certo.

Então os recursos que eu utilizo são :

Primeiro – frisar pra ele que ele tem que ter atenção, que ele tem que ter intenção de memorizar, que ele tem que ter velocidade de raciocínio, que ele tem que trazer um bom embasamento da teoria musical e que ele tem que ter interesse – ele não deixar que elementos distratores influenciem a sua trajetória no desenvolvimento da percepção [...]

A atenção é tudo. Então sem atenção, sem trabalho dele e sem interesse, você não chega a lugar nenhum. Esse é o meu ponto de partida. Ele tem que fazer a parte dele. Agora, a gente que está do lado de cá sabe de que maneira fazê-lo entender e provar pra ele que, se ele fizer, vai dar certo e, se não fizer, não vai dar certo.

A percepção não é mágica, não é adivinhação, muito menos decoreba, é entendimento. Por exemplo: se ele não sabe fazer a emissão de um determinado intervalo, você tem que ensiná-lo a fazer a emissão, a buscar este resultado, e não fazer e ele repetir direto. Isso não vai levar a lugar nenhum.

E, também, fazer entender que a imaginação está presente em todos os exercícios da Percepção Musical. Então na hora de fazer uma emissão de solfejo, de intervalo, não é simplesmente jogar o som; é você conduzir a sua voz num raciocínio para que chegue àquele determinado intervalo. Então, é... por exemplo: tem um intervalo de quinta, e ele não sabe fazer a quinta por elementos... intervalos... agora me escapou... [...] intervalos disjuntos. Então nós temos que fazer ele buscar de Dó a Sol, por exemplo, depois ele faz o Sol. Então não é adivinhação; é raciocínio.

E também a sequência de intervalos. O que ele vai fazer no ditado? O que ele vai fazer no solfejo? É uma sequência intervalar. Então é muito mais importante treinar tudo ele emitindo, ele fazendo sem escrever, para depois escrever. Porque o que ele consegue realizar, ele vai perceber muito mais seguramente, com muito mais velocidade, com muito menos chance de errar. E, se ele tiver essa base emocional, psicológica, didática, bem solidificada, mesmo que ele tenha uma situação emocional à prova... como, por exemplo, em uma prova, em que a gente está nervoso... mas existe “nervoso” e “nervoso”. Existe o nervoso pela situação exclusivamente, e existe o nervoso que, além de ter a situação, ele está incompetente, então ele não vai dar conta mesmo. Ele vai naufragar. Aí não tem como ele se safar, tá certo?

6) e 7)

Na minha opinião o THE deveria ser muito melhor elaborado, deveria ser muito melhor explorado.

Medidas para reverter esse quadro? A primeira coisa é mexer na prova de habilidade específica. Que já foi até ameaçada de ser extinta. Mas, enfim... agora, sinceramente, eu acho que ela precisa ser urgentemente melhorada. O nível de questão, a maneira de abordar a questão, fazer o aluno raciocinar mais.

Agora, criar a disciplina “Introdução a Percepção Musical”... não, não acho, não. A introdução à percepção musical, ele já tem que trazer do seu estudo progressivo, quando ele se prepara para o vestibular. Para isso tem o teste de habilidade específica. Agora, se é o teste que não mede nada, então está na hora de fazer mudar esse teste. Ou então tira o teste, faz a turma de Introdução, deixa entrar todo mundo, sei lá... faz de outra maneira... nivela só pela prova de matemática, português, etc. ... tira essa habilidade, tá certo?

Porque é uma coisa incoerente isso – ter o teste de habilidade e o teste de introdução... Então ou melhora o teste, ou faz essa Introdução. Agora, eu acho melhor melhorar o teste. Eu acho que é mais lógico melhorar o teste. A introdução é um estudo que a gente faz em teoria musical, sempre acompanhado de percepção também.

8)

Eu acho que o professor tem que ser um eterno estudioso e tem que frisar para o aluno que a memória auditiva, a percepção auditiva, ela começa na vida intrauterina e ela vai até [...] enquanto nós vivemos, a memória auditiva está aí. E os fenômenos também – tenhamos nós intenções profissionais com a música ou não.

Agora, se estamos em uma instituição acadêmica importante, como a UFRJ, como a UNIRIO e outras, para nos profissionalizarmos, então nós temos que direcionar isso com a intenção de termos uma percepção auditiva altamente desenvolvida, especializada, no texto musical, nos diferentes textos que existem, nas diferentes concepções de artes – até a arte moderna atual, tonal, sem estabilidade tonal, etc. – e ter sempre uma cabeça aberta. Jamais deixar o aluno cruzar os braços. E usar o menos possível o lápis e o papel, mais a cabeça.

----- // -----

ANEXO 4

ENTREVISTA COM A PROF^a. ERMELINDA PAZ ZANINI

(respostas orais)

1)

(Ermelinda): Eu vou me reportar a uma coisa que eu falei com você quando você falou comigo pela primeira vez: A turma que está comigo agora na Percepção III, quando eles chegaram no primeiro dia de aula, uma turma bastante grande, trinta e poucos alunos – o ideal seria pelo menos uns dez – eu pedi que eles fizessem uma pequena história de vida (no máximo três páginas), focalizando como eles chegaram na música, qual foi a trajetória deles, porque é que eles estavam fazendo música, qual era a expectativa deles e o que eles já tinham feito até então. Eu queria com isso tentar conhecê-los o mais rápido possível, já que com trinta e poucos dentro de sala ia ser difícil ter esse conhecimento. Para facilitar e inclusive direcionar um pouco o meu trabalho, conhecendo as necessidades deles ou experiência e vivência, isso facilitaria.

Quando recebi os questionários, eu vi que tinha um que estava prestes a realizar a defesa de dissertação dele no mestrado aqui na Escola. Estava matriculado. Tinha uma outra que era doutora em física, era membro da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, e que tinha feito um estudo bastante profundo de música na Inglaterra, porque ela fazia o doutorado dela, mas podia puxar disciplina de outras áreas – como ela era musicista, ela puxou tudo de música. Nível excepcional. Tinha outros dois que eram professores da FAETEC, uma escola bastante conceituada, que tinha um concurso rígido para passar como professor. Outros com atividades já, como regência, em outros lugares; pessoas com uma formação de um curso técnico completo no Conservatório Brasileiro, Pro Arte e outros aqui na Escola. E outros que falaram: “professora, eu aprendi música comprando aquelas revistinhas no jornaleiro com cifra”, ou: “eu estudei sozinho”, “ah, um colega me ajudou”, ou: “eu estudei dois anos e passei”, “eu comecei a estudar na igreja, mas nada com muita profundidade”.

Quando eu me deparei com este questionário, eu pensei: “como é que eu vou conseguir dar o conteúdo da disciplina Percepção Musical com pessoas que estudaram dois meses e conseguiram passar?” Pra esses eu falei: “Olha, eu não sei se isso foi uma sorte ou um azar. Eu acho que foi um azar”. Porque música pressupõe que a pessoa tenha um formação anterior. Antigamente... Por que é que hoje as turmas são muito heterogêneas? São muito heterogêneas por conta do vestibular.

Na época em que eu estudava aqui, as turmas eram muito homogêneas... Por quê? Todo mundo tinha que ter feito um curso técnico completo – seja aqui, seja no Conservatório, seja onde for –, mas todo mundo tinha que ter estudado quatro anos de Teoria, dois de Ritmo e Som, de Elementos de Harmonia. Então a prova de ingresso era um ditado modulante a duas vozes, clave de sol e fá, era percepção de acordes, era leitura à primeira vista, solfejo nas claves... era todo um resumo de um conhecimento realizado num curso técnico que já existia antes. Não passava, e não passava mesmo. Porque o vestibular era aqui da escola.

O que é que acontece? Agora no vestibular o aluno só não pode tirar zero... o aluno só não pode tirar zero. Então uma pessoa com dois meses de estudo, ela consegue passar, tá? Então as turmas são muito heterogêneas por conta dessa nova visão de universidade, a gente tem que encher a universidade de aluno, ela acaba oferecendo um trabalho mais quantitativo do que qualitativo... e é um problema muito sério para o professor. Por quê? Ele tem que conseguir dar o programa, trabalhar de forma que ele permita àqueles que não têm conhecimento possibilidades de eles crescerem, e que ao mesmo tempo não desmotive aqueles que já têm muito conhecimento.

Por essa razão, eu opto sempre por trabalhar com abordagem didática: “Como um professor deveria ensinar aquilo?” Então os alunos que já chegam pra mim preparadíssimos, já sabendo tudo, eles gostam: “ai, que bom, professora! Eu aprendi tudo, eu sabia, mas eu não sabia como ensinar, eu não sabia como fazer, e eu estou tendo com a senhora isso”. E, ao mesmo tempo, aquele que não sabe nada, se fizer a parte dele... eu falo sempre: o sucesso da minha disciplina (eu não faço milagre) está em vocês. Vocês precisam estudar pelo menos uma hora diária. Então eu, ao mesmo tempo que eu desço

um pouco, desço bastante no nível... eu estou fazendo coisas agora que eu fazia antigamente na Teoria Musical. Na graduação. Porque em algum momento aquilo tem que ser dado. Mas, como eu focalizo o ponto de vista didático, o aluno que já sabe gosta.

Mas eu deixo a critério do aluno que ele tem que fazer a parte dele. Se ele não fizer a parte dele, ele não vai dar conta. “Eu não posso estudar por você”... [...] e eu pergunto: “Todo mundo aqui estuda instrumento? Ah, todo mundo, quase... o instrumento, vocês conseguem tocar se não estudarem? No começo é uma hora, depois é duas, três, quatro, depois cinco, depois seis. Cada hora vai aumentando.”

Costumo contar uma história de um professor de trompa aqui da Escola chamado Carlos Gomes... eu escalei ele para mostrar a trompa para os meus alunos da Iniciação Musical. E ele foi logo o primeiro, ((veio)) de umas férias que ele teve na Bahia. Quando ele pegou a trompa para tocar, ele simplesmente falhou; a boca... saia sopro, ((mas)) não conseguia tocar. Só que ele, como educador, aproveitou aquilo: “Para vocês verem como é importante o estudo: eu sou membro do quinteto Villa Lobos, eu sou da orquestra, eu sou professor aqui da Escola, mas eu parei de estudar... eu não consegui fazer”. Então, estudo para o músico é imprescindível, tem que ser regular e tem que ser sempre. Mesmo para os melhores. Se você parar, você sabe, você perde um ano ou dois.

Então, voltando: a questão da heterogeneidade não tem solução, porque ela passa pela forma de avaliação quando do ingresso. E, se você não sabe, esse ano, por exemplo, a Reitoria da UFRJ tentou inclusive acabar com o Teste de Habilidade Específica.

(entrevistador): Seria um absurdo!

Dizia que não deveria ter. O André lutou, o professor Roberto lutou para mostrar o seguinte: se a gente acaba com o Teste de Habilidade Específica, vai acontecer de nós enchermos a Escola de Música dos alunos que mais sabem matemática, mais sabem inglês, português, estudos sociais... e de repente os músicos, porque levam muito tempo estudando as coisas da música, às vezes não vão muito bem nessas coisas. Foi um custo para eles entenderem isso. O argumento deles era que uma pessoa quando vai fazer

medicina, as disciplinas da medicina, as disciplinas da informática, da física, da química não são estudadas no ensino médio. Só que música é diferente.

Então pra mim [...] a heterogeneidade... é complicado. Alguns professores pegam o programa e já começam na primeira aula fazendo ditado a duas vezes [...] e o que é que faz com isso? Elimina vários alunos na Percepção Musical. Eu já acredito que o aluno não tem culpa de uma política de governo equivocada. Eu dou chance de ele vir, mas ele tem que estudar comigo, tem que vir junto, no meu ritmo. Ele tem que fazer. Se ele fizer o que eu peço, ele vai conseguir. Claro, ele nunca vai ter o domínio daquele que sabe mais, mas ele vai conseguir.

2) e 3)

(entrevistador): Pelo que eu entendi, você está dizendo que... vamos dizer... predominantemente é um fator negativo, assim, tipo... a heterogeneidade, porque ela prejudica o aprendizado de quem está à frente e de quem está atrás.

(Ermelinda): É... porque haveria uma heterogeneidade que eu veria com muito bons olhos: É aquela de histórias de vida diferentes.

(entrevistador): Cultural, social...

(Ermelinda): Cultural, social... essa eu acho fantástica! A pessoa veio de um meio mais erudito, o outro já veio de um meio mais popular, o outro veio de ricas práticas de música folclórica, de danças, de coisas referentes à nossa música de raiz... mas todos estudaram música. Aí haveria um intercâmbio muito...

(entrevistador): Seria melhor, até...

(Ermelinda): Seria excelente. Excelente. A gente tem que ter uma abertura de ideias. A heterogeneidade, fruto da minha primeira instância, é aquela de que eu te falei: um estudou dois meses e, infelizmente, passou; e o outro ia defender a dissertação dele de mestrado.

(entrevistador): E isso, para você, só traz prejuízo para o aprendizado?

(Ermelinda): Não, não traz prejuízo. Por quê? Há alunos e alunos. Vou te dar um exemplo de uma aluna minha de uma turma de quase dez anos atrás na UNIRIO. Eu peguei uma turma com vários alunos brilhantes. Eram alunos: o

atualmente professor Pauxy, o violonista Nícolas de Souza Barros, a Bia Paes Leme... só gente muito boa, gente que já tinha uma vida musical. E tinha uma aluna que veio de um conservatório no interior de Minas. E a turma era muito boa. Os colegas procuravam ajudá-la. Ela começou... às vezes na minha aula ela chegava a suar, ela suava de tanto esforço que ela fazia para acompanhar... porque a turma... ela era uma no meio de vários bons. Ela terminou o primeiro período com uma nota tipo cinco, cinco e meio. No segundo período ela já tirou uma nota tipo sete, porque ela tomou aquilo como um desafio – ela era uma pessoa séria. Na época ela era aluna de regência (o professor de regência era o Davi Machado... ela regeu inclusive a orquestra de violões do Turíbio em pleno Municipal). No terceiro, ela já tirou nove; no quarto, ela já tirou dez... e ela discutia em condição de igualdade com qualquer um desses que eram feras. E esses que eram feras, por outro lado, se acomodaram... porque... têm facilidade... então o aluno que sabe mais, às vezes ele se acomoda no próprio conhecimento dele, e acaba não crescendo. No final...

(entrevistador): No caso dela, foi bom.

(Ermelinda): No caso dela, foi bom. Então eu tenho muito medo de dizer... “É um fator exclusivamente positivo?” Depende do aluno. “É um fator predominantemente positivo?” Depende do aluno. No caso dessa moça, foi bom.

(entrevistador): Então essa resposta depende do aluno pra você.

(Ermelinda): Pra mim, depende do aluno. Porque eu permito... a minha forma de trabalhar... eu chego pra eles e digo: “Olha, eu quero”... [[por exemplo]], a aula passada: “com a nota ré, com o baixo ré, eu quero que vocês construam a primeira, segunda, e terceira inversões do acorde de sétima maior, sétima menor, sétima da sensível, sétima da dominante. Toquem, cantem...” Agora, quem já sabe isso (mas quando eu digo “sabem”, não é “sabem, pensando”, não... eu falo, assim, e já vem de imediato a formação do acorde), esses não precisam fazer o exercício. Agora, quem não sabe tem que fazer. E aí eu comparo: “gente, como é que vocês aprenderam matemática? O professor de matemática: ‘olha, o [...] tinha duas bolas de gude, ganhou três; quantas eram?’ ‘Tinha três balas, quantas eram?’ ‘Tinha não sei quantos sorvetes,

comprou duas bolas”... Matemática, só aprendemos fazendo exercício. Na Percepção Musical, só fixa o conteúdo se você vai lá, [[treina o acorde]], emissão, treina reconhecimento, se você faz o exercício... então eu dou meios a ele... mas ele tem que fazer a parte dele. Se ele não fizer a parte dele, não vai conseguir... não vai conseguir. Eu trabalho assim; não sei como os outros trabalham. Então, se é um fator predominantemente positivo, predominantemente negativo... vai depender muito da atitude pró-ativa do aluno.

Uma coisa que eu falo, por exemplo: quando eu cheguei esse ano na minha turma, eu levei um susto... porque metade e mais um pouco eram de alunos novos. Aí eu perguntei: “escuta aqui, período passado tinha como matéria dodecafonismo. Como é que vocês estudaram isso?” Com os meus alunos, além de eu falar do ponto de vista histórico – um pequeno arrazoado sobre dodecafonismo –, mostrei o dodecafonismo na obra de Edino Krieger (eu estou terminando uma biografia do Edino). Então eu centrei o dodecafonismo, dei uns exemplos de Schoenberg...

-corte-

Eu acho que eu já respondi isso. Se eu ficasse ensinando da forma convencional – fosse direto para o ditado a duas vozes, direto para o reconhecimento de acordes – eu ia fazer com que os alunos que não sabem nada, todos trancassem. ((Se eu)) só desse atenção aos que já vieram sabendo. Por outro lado, se eu começasse a ensinar do be-a-bá àqueles que não sabem nada, eu ia desmotivar aqueles que vieram sabendo. Eu optei pelo caminho da didática. Então eu vou: “Olha, a Ester fazia assim, assado. Já o Bohumil faz assim...” então aquele que já sabe muito, ele não se sente vilipendiado.

-corte-

É péssimo. Tinha que voltar a ter um THE mesmo, mais sério. O nosso aqui, não acho... não acredito nas medidas. Vou dizer porque eu não acredito nas medidas: porque o governo vive, entre aspas, um “populismo”

-corte-

Disse para eles que é impraticável uma aula de percepção com trinta, com vinte... de harmonia... eles não entendem que música... isso é impraticável. Então, o governo não entende a questão da qualidade. Ele que ver quantidade de gente no mercado. A universidade, por sua vez, não entende.

-corte-

... Regência coral. Eu fui trabalhar no Fundão com um coral da Faculdade de Engenharia, da Escola de Engenharia. Eles pediram à Escola: “Ah, a gente fica tão estressado... não dá para liberar um professor pra gente?” Eu, acabando de entrar... liberaram a mim. Eles chegavam nervosos, eles é que escolheram fazer o coral, e na hora do almoço! Aí eu comecei...

-corte-

O professor de Matemática Avançada dizia: “eles também não sabem nada...” então inventaram lá o “Cálculo Zero” e a “Física Zero”. Então todo aluno que chegava no primeiro dia, os professores davam uma prova e eles não passavam, eles iam para o “Física Zero”, para o “Cálculo Zero”. Aí eu inventei na UNIRIO o primeiro “PEM Zero”.

-corte-

((os alunos indicados para o PEM Zero diziam)) : “Eu tenho direito a ir pro PEM I”. Aí nós vimos que não tinha sustentação. O que é que acontecia na Faculdade de Engenharia? Os alunos ficavam mesmo no Cálculo Zero, na

Física Zero porque, se eles não fizessem aquilo, eles não fariam ((Cálculo I ou Física I)). Mas aí na música desgringolou. Aquilo que começou...

-corte-

((Na faculdade de Engenharia)) Enquanto o aluno não tivesse habilitado, ele não ia para o “um”. Só que não existe isso. O que é que ocorre nos testes de habilidade? Aqui na Escola, vou te dar o exemplo da Escola...

-corte-

Tão bom, tão bom... ela fez teste pro musical “Hair” e passou. Sabe aquele vozeirão, aquele pessoal que vem de igreja evangélica, que canta muito? [[Pois]] ela passou. Mas a percepção dela [[...]]

-corte-

[[...]] Agora, no “um” eu sou carrasco... eu não deixo... você está entendendo? Porque [[...]] a Aparecida já falava comigo: “Menina, eu não sei o que eu faço... eu estou com uma turma [[...]]”

----- // -----

ANEXO 5
ENTREVISTA COM A PROF^a. SARA COHEN
(respostas orais)

1)

(Sara): Eu tenho a impressão que agora está até... isso está sendo amenizado um pouquinho. Mas durante algum tempo essa heterogeneidade foi muito gritante, e eu imagino que seja por causa da ausência da música nas escolas regulares. Aquele tempo – que é o meu tempo – em que a gente começava a estudar música com 5 anos de idade, 6 anos de idade... porque essa era uma grande atividade que as crianças faziam quando eram pequenas, talvez a única até... então isso levava ao adolescente, enquanto ele queria entrar para universidade... ele já estava em um nível musical muito grande, porque ele começou a estudar muito pequeno. Então, à medida que essas relações começaram a se modificar – as crianças hoje fazem natação, inglês, [...] – a música não é mais uma primeira opção dos seus pais, que pensam em alternativas para as crianças, às vezes [...]... eu estou generalizando muito livremente. Mas eu acho que é uma coisa empírica, que a gente observa... não estou me baseando em nenhuma pesquisa para falar o que estou falando, estou falando da minha experiência. E, então, essa realidade de a música não ser mais tanto a primeira opção; a música ter saído das escolas regulares (porque antes... eu tive aula de música na escola. Pouco, mas tive. Mas muita gente nunca teve nada de música na escola); a diminuição do poder aquisitivo também – muitas pessoas, então... os pais já não podiam mais pagar uma aula particular de instrumento –... acho que são vários fatores que começaram a contribuir para que o nível no qual os alunos entram para a graduação tivesse caído bastante.

Então a consequência disso é que você tem não só a heterogeneidade; você tem também pouco conhecimento musical no sentido mais amplo que essa palavra possa ter: tanto no sentido de escutar músicas (normalmente entram com uma escuta muito definida, ela não é ampla, não estão acostumados [...]), e no sentido também de, como se escuta muito

menos música antes de entrar, se entra sabendo muito pouco. Sabendo muito pouco história da música, sabendo muito pouco... do que está no repertório que exige que você conheça para poder tocá-lo. Sabendo muito pouco da estruturação musical, sabendo muito pouco escrever e ler música. Então acho que tem, além da heterogeneidade, essa entrada com menos conhecimento – o que faz que, quando coincidentemente você tem alunos que entram bem preparados, [...] também que está mal preparado, e alguém que já [...], causando com certeza... como diria... desafios para o professor. Desafios que se colocam não só para o professor como para a turma... porque, se ela é uma turma, ela precisa encontrar uma maneira de convivência... a meu juízo. Eu procuro fazer isso no meu trabalho: quem está um pouco mais para trás [[precisa]] queimar etapas rapidamente, e quem está lá na frente espera um pouquinho que a gente vai chegar lá... e vai tentando contemplar todo mundo.

2) e 3)

(Sara): Eu acho que às vezes ela interfere para esse aluno que de alguma forma já domina... porque para ele a disciplina pode lhe dar a sensação de que está marcando passo. Mas isso em uma atitude muito mais individual do aluno, porque ele tem muito a aprender com a dificuldade dos outros, principalmente quando a gente está falando de formação de licenciandos, porque o licenciando tem que estar atento às formas como as pessoas se relacionam com o ensino-aprendizagem. Se ele vai ser um professor, ele vai passar por essa situação futuramente em uma sala de aula, havendo heterogeneidade ou não. Ele vai aprender com cada uma daquelas pessoas que aprendem com ritmos diferentes, de formas diferentes, exatamente de uma forma muito empírica, o que os pedagogos vão abordar nas suas premissas, nos seus pensamentos enquanto educadores.

Então aquilo que pode parecer negativo pode se transformar em positivo, e aquilo que é positivo também pode ser uma coisa negativa... vai depender de como você... [...] (é uma palavra ruim, mas está me ocorrendo) como você administra isso, no sentido de compartilhar com os alunos a heterogeneidade e tirar proveito dela. Você pode propor atividades onde, das dúvidas, das dificuldades, dali saia muito conhecimento, saia muita

compreensão, saia muitas formas de entender o outro, de como ensinar, como abordar... então, se você está falando em formação de licenciandos, isso é uma coisa preciosa.

(entrevistador): Então eu posso colocar você na resposta intermediária – que traz igualmente pontos positivos e negativos? Você [...] tem às vezes problemas, mas por outro lado, como você falou, especialmente pro licenciando, ele pode aprender muito...

(Sara): Mas eu coloquei o ponto negativo muito mais no aluno que acha que estará marcando passo. Porque, para o professor, isso não pode ser um ponto negativo. Ele tem que tirar disso algo em proveito da aprendizagem do próprio aluno.

(entrevistador): Então aí eu acho que talvez seja uma resposta parecida com a outra (*entrevistada – prof^a. Ermelinda*)... não é uma coisa que interfere tanto, depende mais da atitude do aluno, ou da atitude do professor, do que propriamente do quadro da turma? É isso que você acha?

(Sara): É. Agora, se você tem um nível que já está dado previamente por alguma circunstância – alguma instituição que determine que, quando acabar aquele semestre, o aluno tem que saber, isso, aquilo, aquilo, aquilo e aquilo outro –, e não dá tempo de ele chegar naquele lugar porque ele está com menos conhecimento, aí isso vai ser um ponto negativo. Porque a instituição não está selecionando para a sua entrada algo que permita que ele chegue no final do semestre. E outras consequências... essa heterogeneidade ela pode causar problemas, se é esse o objetivo.

4) e 5)

(Sara): De um ponto de vista muito pontual, de trabalhar determinados conteúdos muito específicos que são tradicionais na área da percepção musical, qual seja os acordes e seus encadeamentos, os encadeamentos nos estilos musicais, existem hoje alguns programas de treinamento auditivo que fazem isso, que trazem a possibilidade do aluno de estudar sozinho. Uma grande dificuldade da percepção é que, se ele vai perceber auditivamente, é preciso que ele escute alguma coisa. Então ele precisa de alguém oferecendo alguma coisa pra ele escutar, pra que ele se relacione com aquela escuta para

sedimentar um conhecimento, enfim, a escuta nesse sentido, na aula de percepção, é um conhecimento. Se ele ouvir isso e aquilo e disser: “ah, isso é isso, isso é aquilo, etc.,” fizer relações, isso faz parte da disciplina, a percepção trabalha isso. Então esses programas de treinamento auditivo permitem que o estudante administre seu tempo em casa, fora da sala de aula, de forma que ele talvez possa queimar etapas usando o “programinha”. Ele pode repetir quantas vezes ele quiser, na hora que ele quiser.

São softwares que apresentam campos, esses campos tradicionais, uns melhores do que outros, uns mais chatos do que outros, uns mais criativos do que outros, mas os campos: intervalos harmônicos, melódicos, acordes, escalas... eu gosto daqueles que têm encadeamentos, porque com os encadeamentos você sai de um elemento isolado e passa a [[ênfatisar]] mais a relação. Você pode buscar repertório conjugado a esses encadeamentos, trazendo para uma coisa mais musical. Isso é o que eu estou dizendo: o problema dos softwares é que eles não partem de música, etc. e tal. Mas a gente está falando de alunos de graduação, então a gente não está falando de uma introdução à música... você não precisa explicar pro aluno qual é a função de um intervalo na música, ele já sabe o que é um intervalo, ele já sabe o que é um acorde. Ele não consegue é fazer uma escuta rápida. E aí precisa escutar muito, porque ele não teve isso antes.

Então esses programas, através do MIDI, etc. e tal, o aluno trabalha... é como se ele estivesse na frente do professor tocando pra ele, ou alguma música tocando pra ele. Só que eles estão com os campos muito bem delimitados. Então alguns têm pra ritmos, alguns têm até pra emissão – você trabalha com um microfone, e você canta e ele diz se você fez certo ou se fez errado –... então é isso que eu estou dizendo: não pode ser um aluno iniciante, porque está descontextualizado de uma música, etc.. Mas, no contrário, o aluno que já sabe e quer... “Puxa, não consigo os acordes... dominantes, sétima menor...” então o importante é que a gente reconheça: os softwares têm sido – eu tenho usado isso – um bom material didático.

E a outra coisa que eu tenho feito também – que eu já falei, vou repetir – é com dinâmicas de trabalho em sala de aula onde a gente trabalha que todos escutem todos; e aí todos têm que estabelecer relações com aquilo

que eles estão escutando em cada um dos seus colegas... poder dizer: “Ah, aqui você isso”, “Ah, aqui você aquilo outro”. Então um ouvindo do outro, obviamente em um clima de descontração e de colaboração, e não em um clima de mostrar que está errado, [...] isso também tem funcionado bastante. Então, por exemplo: dar alguma coisa para eles estudarem... um solfejo tirado de um repertório – hoje já tem muito material, muitos livros em que os solfejos são retirados do repertório musical. Aí você pede que eles tragam na aula seguinte, e eles vão apresentar aquilo como se fosse uma música, vão cantar o solfejo. Aí as pessoas comentam, fazem comentários sobre aquilo que eles ouviram. Aí a gente tem que discutir: quais os critérios de escuta? Que elementos estavam sendo avaliados ou não? Com isso você vai poder falar de precisão rítmica, de manutenção da pulsação, de afinação, de expressão, de clareza na mostra da forma musical que o solfejo está apresentando, de elementos de dinâmica, de articulação [...] e com isso você está...

(entrevistador): Tudo tem a ver com “perceber”...

(Sara): Exatamente. Perceber não é só fazer solfejo e ditado. Perceber basicamente é abrir a escuta.

(entrevistador): Está respondido. Eu só queria saber se tem algum software específico ou você estimula que os seus alunos procurem?

(Sara): Não, não. Isso está super aberto. Mas eu tenho sugerido o “Auralia”. Software muito bom, muito completo. Ele tem até uma coisa que nenhum outro tem – pelo menos não que eu tenha visto – que trabalha com afinação. Então ele emite um som e pede pra você comparar com outro, se está mais baixo ou se está mais alto. E ele parte do quarto de tom de diferença e chega até coisas muito, muito, muito próximas. Quer dizer, é um trabalho importante pro instrumentista que precisa afinar o seu instrumento. [[No caso do pianista, mas outros...]] então ele pode trabalhar comparação de sons, se está alto, se está baixo. Um trabalho bem bacana.

6)

(Sara): Não. Acho que não. O teste?... porque, se eles não fossem heterogêneos, todos iriam bem no teste... então não é o teste que favorece a

heterogeneidade. Ao contrário, o teste deveria favorecer a homogeneidade... uma vez que eles passaram, deveria significar que eles dominam o conteúdo.

(entrevistador): É... você falou que, para você, o problema está antes do teste, é a formação do aluno antes de ele fazer o teste, é isso?

(Sara): Eu acho que o que eu estou dizendo é uma coisa mais complexa, porque a forma de avaliar esses testes é que possivelmente seja heterogênea. A avaliação.

7)

(Sara): São todas ações interessantes, mesmo que não houvesse uma grande heterogeneidade. Se a gente pudesse... [...] essas aulas extras (eu esqueci de falar) isso é uma ação que eu também, na verdade a gente tem feito isso aqui na UFRJ. A equipe de percepção tem feito isso através dos monitores. Os monitores, faz parte do plano de trabalho deles oferecer uma hora, um tempo da carga horária deles em que eles atendem às dificuldades dos alunos. Então eles trabalham mais individualmente. Entendeu?

Porque, na verdade, tem um outro grande problema que a gente pode colocar aqui que não foi citado antes, da heterogeneidade (que contribui para a gente ter mais dificuldades para diminuir essa heterogeneidade): são turmas muito grandes que a gente tem aqui. Então as turmas muito grandes às vezes não permitem que a gente tenha um olhar mais apurado das dificuldades que o aluno possa ter. A gente demora até entender: “Ah, então ele está é com grande dificuldade aqui, é isso aqui que ele não trabalhou lá atrás, e é isso que está atrapalhando que ele vá lá pra frente”.

Por exemplo: o aluno não consegue... o trabalho de intervalos, intervalos harmônicos – ele não consegue, não consegue nada, nem sinteticamente, nem analiticamente (sinteticamente é ouvir e dizer qual é; analiticamente é cantar as duas notas, aí [...] pelo melódico dizer qual é). Aí muitas vezes ele não consegue fazer isso; por quê? Porque, quando você toca em uma região que não é a região de emissão dele, ele não consegue fazer. Tem uma coisa que é anterior, que é o [[rebatimento]] de oitavas, que ele não consegue fazer. Então um som muito grave, que ele não traz para a sua

tessitura. Aí, ele não tem relação nenhuma com aquele som; aí ele não consegue fazer mais nada. Tem aluno que tem esse tipo de dificuldade. E, se você não percebe isso, você vai fazer eternamente, vai fazer aula extra e isso, e aquilo, e aquilo outro, e não vai andar.

(entrevistador): Não sabe o problema que tem que resolver.

(Sara): Exatamente.

8)

(Sara): Gostaria de acrescentar alguma coisa que está me ocorrendo aqui muito, muito confusamente, mas na verdade joga para você pensar um pouquinho nisso. Assim como a gente fala que, ritmicamente, “ah, teve um deslocamento”... [[...]] pra você falar nesse deslocamento, é preciso que um padrão anterior esteja estabelecido. Então, para você falar da heterogeneidade como um problema – se a heterogeneidade é um problema –, é porque existe alguma coisa que é considerada a certa, como um nível a ser determinado naquele momento, naquele estado: Percepção I, Percepção II, Percepção III, Percepção IV, ou qualquer coisa... Um iniciante... se você vai iniciar um aluno, você acha que tem alguma coisa que os alunos deveriam saber naquele momento. E, se eles não sabem, você diz que há (se um sabe mais do que o outro), você diz que há uma heterogeneidade. Então eu estou me perguntando aqui o que seria esse “certo” [[...]] que você diria que os alunos não estão... que há essa heterogeneidade. Onde é que está o ponto certo? É naquele que sabe muito? Ou aquele que sabe muito é que está no lugar errado, então é ele que estabelece a heterogeneidade... ou é aquele que sabe menos que estabelece a heterogeneidade... ou é esse próprio conceito de achar que hoje é possível você ter uma homogeneidade, já que você não tem mais uma homogeneidade fora, antes da universidade. Aquilo que se oferece antes da universidade não é mais tão equilibrado como era, por exemplo, no meu tempo, como eu falei. As pessoas começavam cedo, tinha muito mais gente fazendo, então você tinha muito mais gente disputando a vaga... então quando você tem muito mais gente, há possibilidade de você ter homogeneidade muito maior. Quando você tem menos gente, que estudou menos, essas contas [[...]]

muito mais. Então eu acho que isso leva a gente a pensar um pouquinho que, na verdade, é antes... você tem um mundo diferente daquele de 20, 30 anos atrás [...] eu deixo para você pensar.

ÍNDICE

FOLHA DE ROSTO	02
AGRADECIMENTO	03
DEDICATÓRIA	04
RESUMO	05
METODOLOGIA	06
SUMÁRIO	07
INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – HETEROGENEIDADE: DESAFIO DOS PROFESSORES	10
1.1. A Realidade da Percepção Musical	10
1.2. A heterogeneidade	
1.2.1. As questões centrais	12
1.2.2. O questionário	13
1.2.3. Os entrevistados	15
CAPÍTULO II – AS ENTREVISTAS	18
2.1. Considerações gerais	18
2.2. A heterogeneidade em detalhes	
2.2.1. As turmas de percepção hoje na UFRJ	18
2.2.2. As causas	20
2.3. A influência no processo de ensino-aprendizagem	
2.3.1. Os pontos positivos	21
2.3.2. Os pontos negativos	23
2.4. Os recursos do professor	
2.4.1. Recursos em sala de aula	24
2.4.2. Recursos fora da sala de aula	29
2.5. A universidade	
2.5.1. O Teste de Habilidade Específica (THE)	30
2.5.2. Os monitores	32

2.5.3. A criação de testes de nivelamento	32
2.5.4. A criação da disciplina “Introdução à Percepção Musical	33
2.6. Considerações adicionais	34
CAPÍTULO III – OS RESULTADOS	35
3.1. A atitude do aluno e do professor	35
3.2. A superlotação das turmas	36
3.3. O estudo de música antes da universidade	37
3.4. Os pontos positivos e negativos da heterogeneidade	37
3.5. Os recursos do professor	38
3.6. As medidas da instituição de ensino superior	39
3.7. Quem estabelece a heterogeneidade?	40
CONCLUSÃO	43
BIBLIOGRAFIA / WEBGRAFIA	46
ANEXOS	49
ÍNDICE	79
FOLHA DE AVALIAÇÃO	81

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição:

Título da Monografia:

Autor:

Data da entrega:

Avaliado por:

Conceito: